



BATATA

GESTÃO SUSTENTÁVEL

A Hortifruti/Cepea avalia custos de produção em três regiões e destaca as lições que cada uma pode dar ao setor

mohallem/artiplan



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.syngenta.com.br

CHEGOU AMISTAR TOP.
O FUNGICIDA QUE
CONTROLA AS DOENÇAS
DA BATATA.

O novo Amistar Top controla as doenças da sua lavoura de batata. Ele é uma mistura pronta, nascida da união de dois ativos eficientes, de fácil aplicação, e você pode colher a produção pouco tempo depois de aplicar o produto. E pelo nome, dá para ver que é de confiança. Tenha um problema a menos. Use Amistar Top.

Menos doenças, menos preocupações.

 **Amistar Top**[®]

syngenta.

GANHOS DE ESCALA SÃO UMA FORMA SUSTENTÁVEL DE MAXIMIZAR LUCROS?



João Paulo Bernardes Deleo é o autor da Matéria de Capa deste Especial Batata

À primeira vista, a resposta é positiva: os ganhos de escala maximizam lucros e reduzem custos. No entanto, é importante uma avaliação mais criteriosa envolvendo toda a gestão da propriedade e a adoção de tecnologias.

Neste *Especial Batata*, analisamos os custos de produção de três regiões com escalas bem distintas: Sul de Minas, com propriedades de 10 hectares, Vargem Grande do Sul (SP), com fazendas de 80 hectares, e Cristalina (GO), onde a produção é feita principalmente em áreas com até 1.000 hectares.

Apesar das particularidades de cada região, que dificultam uma comparação direta dos custos, confirmou-se que quanto maior o tamanho da fazenda menor o custo por saca produzida. Contudo, propriedades do cerrado goiano não seriam viáveis caso não contassem com gestão profissional e com tecnologias de ponta minimizadoras de custo, já que é bastante elevado o montante financeiro investido numa propriedade de 1.000 hectares. Além disso, a procura por novos mercados consumidores onde seja menor a concorrência, como o Norte e Nordeste, ajuda a explicar a boa performance obtida por produtores desta região.

O que foi observado em termos de instrumentos de gestão e de aplicação de tecnologia pode ser adaptado a outras regiões e minimizar os custos de produção também de propriedades menores. Como é ressaltado pelo nosso entrevistado do Fórum Roni Amaral, bataticultor do Sul de Minas, “temos pequenos produtores que adotam alta tecnologia

e são eficientes na nossa região”.

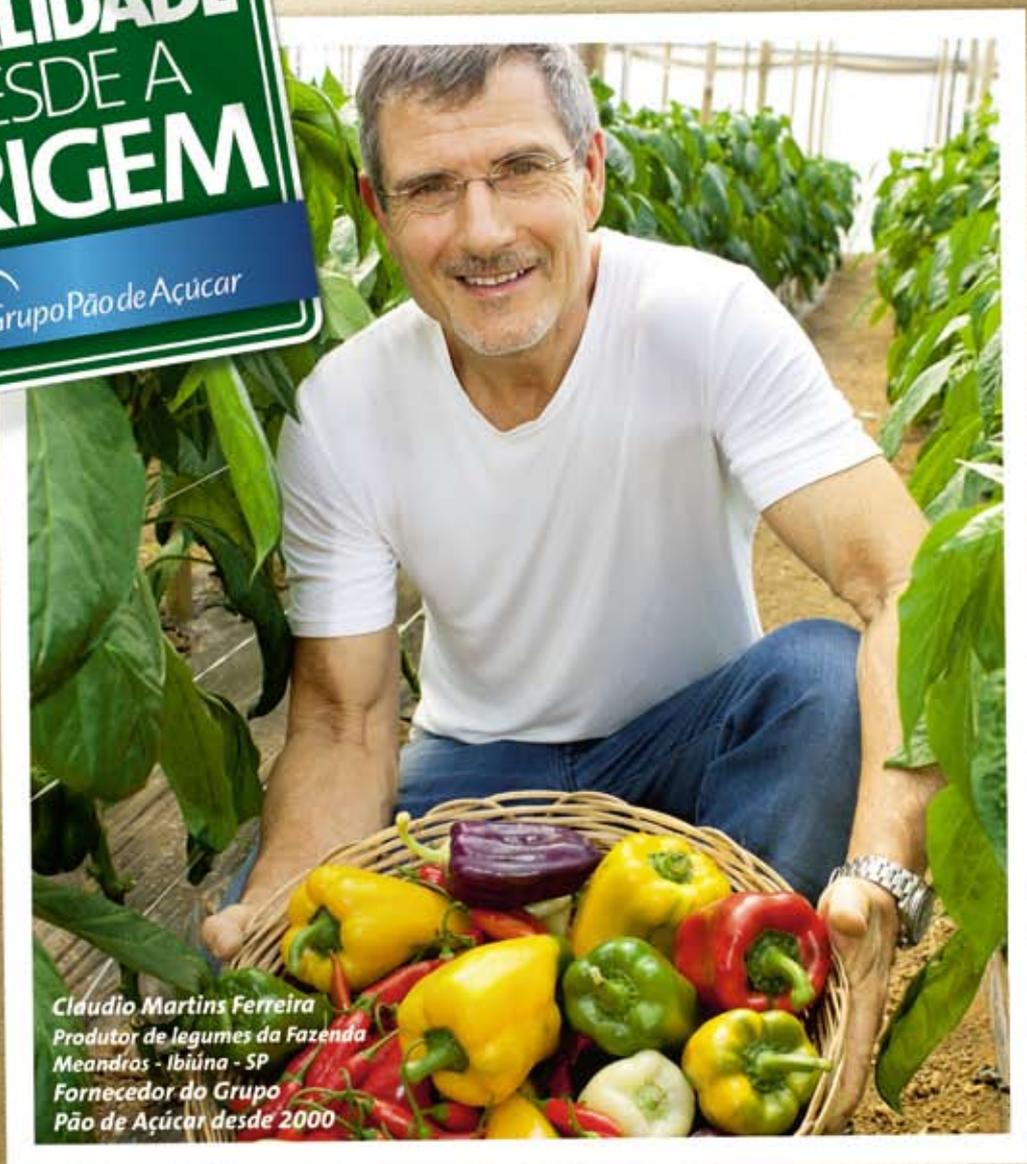
Ainda há muitas barreiras no setor. Assumir uma postura mais profissional é uma das necessidades do produtor destacada por nossos entrevistados no *Fórum*. “É preciso sair da postura de ‘matuto’ para a de empresário”, comenta Pedro Hayashi, de Vargem Grande do Sul (SP). Para João Gruber, da Hayashi Batatas de Cristalina (GO), todos os processos de produção exigem visão empresarial, destacando a importância da gestão na comercialização.

Para o avanço do setor, Pedro Hayashi aponta duas tecnologias importantes: a colheita mecanizada e a produção de minitubérculos como opção à batata-semente importada. No entanto, quando se trata de sustentabilidade do setor como um todo, e não de uma propriedade em específico, o consenso dos entrevistados é a necessidade de pesquisas sobre material genético para produzir tubérculos mais adaptados às condições edafoclimáticas de cada região, sem que sejam esquecidas as características organolépticas.

Produtos inovadores, tradicionais e de confiança, aprovados por quem mais entende do assunto: Os Agricultores.



**QUALIDADE
DESDE A
ORIGEM**
Grupo Pão de Açúcar



*Claudio Martins Ferreira
Produtor de legumes da Fazenda
Meandros - Ibiúna - SP
Fornecedor do Grupo
Pão de Açúcar desde 2000*

Produtos de qualidade têm mercado, supermercado e hipermercados garantidos.

Qualidade Desde a Origem é um programa de qualidade pioneiro no varejo mundial e um compromisso que nós do Grupo Pão de Açúcar assumimos com nossos clientes de **oferecer qualidade, sabor e frescor** nos produtos de hortifruti. Por isso, controlamos o uso de agrotóxicos, inspecionamos e rastreamos o produto desde o campo até as nossas lojas, priorizando os fornecedores com melhor desempenho. Acesse o site e saiba como ser nosso fornecedor:

www.qualidadedesdeorigem.com.br





A Matéria de Capa desta edição calcula o custo de produção de três regiões produtoras de batata: Vargem Grande do Sul (SP), sul de Minas Gerais e Cristalina (GO). Confira!

FÓRUM 40

Leia no Fórum a opinião de produtores sobre os resultados de custo de produção de batata das três regiões avaliadas nesta edição.



HORTIFRUTI BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da Hortifruti Brasil no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Entre também no blog e no twitter:

 www.hortifrutibrasil.blogspot.com

 www.twitter.com/hfbrasil

SEÇÕES

TOMATE		28
CEBOLA		30
BATATA		31
MELÃO		32
CENOURA		33
MANGA		34
UVA		35
CITROS		36
MAÇÃ		37
BANANA		38
MAMÃO		39

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica:
Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleto, Larissa Pagliuca e Mayra Monteiro Viana

Editora Executiva:
Daiana Braga MTB: 50.081

Diretora Financeira:
Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva MTB: 27.368

Revisão:
Alessandra da Paz, Daiana Braga e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:
Aline Mariana Rodrigues, Fernanda Geraldini, Fernando Cappello, Gabriela Carvalho da Silva Mello, Juliana Natália Custódio Silveira, Keila Inoue, Letícia Julião, Luana Kellen Manarim, Mayra Monteiro Viana, Manuela Silva Silveira, Marcella Moreira Menten, Margarete Boteon, Rafael Augusto Tapetti e Thaís Massoti Menegazzo.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
ênfase - assessoria & comunicação
19 2111-5057

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000
Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@esalq.usp.br

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil
A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

AO LEITOR

ESCREVA PARA NÓS. Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:
Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP) ou para
hfbrasil@esalq.usp.br

OPINIÃO



Agregar valor aos hortifrutícolas

Gostaria de parabenizá-los pela Matéria de Capa da edição de julho (nº 92), sobre agregação de valor aos hortifrutícolas. Vocês conseguiram tratar com imensa propriedade e profundidade um assunto tão importante para a agricultura brasileira, mas que muitas vezes é visto através de velhos clichês. O desafio da diferenciação numa economia historicamente acostumada a encarar agricultura como commodity é realmente um imperativo. Abraços,

Leandro Bonamichi Góis - Araras/SP

Muito obrigado por seus cumprimentos. Ficamos contentes quando conseguimos atingir o objetivo proposto para uma Matéria de Capa! Um dos intuitos de nossas pesquisas é trazer para os leitores tendências de mercado e, nesse caso, o objetivo foi mostrar as oportunidades de diferenciação de frutas e hortaliças. Estamos atentos às inovações do setor e vamos manter os estudos sobre esse tema, que poderá ser abordado novamente.

Resultado da enquete:

O que a Hortifruti Brasil deve fazer na Hortitec 2011?



Convidamos nossos leitores a nos ajudar a melhorar nossa participação na Hortitec de 2011. A enquete foi disponibilizada em nosso blog. Confira abaixo os resultados!

Melhorar a divulgação sobre as atividades da **Hortifruti Brasil** na Hortitec antecipadamente **89 votos (58%)**

Dar continuidade às palestras no Simpósio **85 votos (56%)**

Ampliar e melhorar a localização do estande **32 votos (21%)**

Não vou à Hortitec **13 votos (8%)**

Não realizar o IV Simpósio **1 voto (0%)**

Além da Hortitec, estamos trabalhando no nosso planejamento para 2011. Para que a **Hortifruti Brasil** seja cada vez melhor, gostaríamos de contar com sua participação para responder nosso questionário no blog (www.hortifrutibrasil.blogspot.com). Deixe sua opinião, sua contribuição é muito importante!

Já conhece o blog e o twitter da Hortifruti Brasil? Acesse!



Blog da Hortifruti Brasil
www.hortifrutibrasil.blogspot.com



Siga-nos no Twitter!
www.twitter.com/hfbrasil



Tomate Pizzadoro



Allah/Percepção



A Nunhems desenvolve os melhores tomates para atender aos mercados mais exigentes do mundo. Dentre as variedades está o Pizzadoro, um tomate do tipo italiano, que é campeão em resultados para os nossos clientes. Com uma coloração vermelha-intensa e um sabor inigualável, ele é sucesso na mesa dos consumidores. Aliado a isso, o Pizzadoro possui uma consistência mais firme, que proporciona maior resistência no transporte e maior durabilidade nas gôndolas.

Entre em contato com a nossa equipe e tenha um tomate campeão ao seu lado.

the global specialist

Nunhems | Fone:(19) 3733.9500
Fax:(19) 3733.9505 | info.br@nunhems.com



GESTÃO SUSTENTÁVEL NA BATATICULTURA

A Hortifruti/Cepea avalia custos de produção em três regiões e destaca as lições que cada uma pode dar ao setor

Este é o quarto ano em que a **Hortifruti Brasil** aborda a temática custo de produção e gestão sustentável da bataticultura. Os objetivos são conhecer diferentes modelos de produção e identificar deficiências e vantagens comparativas na busca de uma gestão econômica mais sustentável para o setor.

Nesse sentido, neste *Especial Batata*, a apuração do Custo Total de Produção é feita em três importantes regiões produtoras: Vargem Grande do Sul (SP), Sul de Minas Gerais e Cristalina (GO). Com isso, conseguimos avançar no estudo comparativo entre as estruturas de produção com diferentes níveis tecnológicos. No **Sul de Minas**, as propriedades típicas são de baixo a médio nível tecnológico; em **Vargem Grande do Sul**, propriedades tipicamente dispõem de média a alta tecnologia, e **Cristalina** se caracteriza por poucas propriedades, mas com elevada escala de produção e alto nível tecnológico.

O método de levantamento dos dados de custo é o Painel. Essa modalidade de apuração consiste no encontro de pesquisadores com um grupo de produtores e técnicos da

região com o objetivo de se compor, em conjunto, o custo de produção de uma propriedade típica da região. Os detalhes sobre o método de levantamento dos custos de produção e também sobre a definição e o cálculo do Custo Anual de Reposição do Patrimônio (CARP) podem ser encontrados na edição nº 79 da **Hortifruti Brasil** (maio/2009). As edições *Especial Batata* anteriores (62, 74, 84) também apresentam detalhamento da metodologia.

Os levantamentos e análises deixaram claro que, apesar das particularidades de cada região (clima, disponibilidade de mão-de-obra, distância do mercado consumidor), há importantes aprendizados em cada uma que podem contribuir para o avanço sustentável do setor. Os principais pontos a serem analisados são o peso do patrimônio em propriedades de pequena escala como as do Sul de Minas, o risco de preços com a concentração da oferta em Vargem Grande do Sul e a necessidade de uma gestão profissional em propriedades de grande escala como as de Brasília (DF)/Cristalina(GO).

Gostaríamos de agradecer o senhor Flávio Irokawa, que nos concedeu gentilmente as fotos que ilustram tanto a capa quanto a matéria de capa desta edição.

**Tecnologia e inovação para aumentar
sua produtividade e rentabilidade.
Quem aplica, multiplica.**



0800 0192 500
www.agro.basf.com.br

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
 ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
 VENDA SOB RECEITUÁRIO
 AGRÔNOMICO.



Cantus® Forum® Pirate® Nomolt® 150 Regent® 800 WG

Solução BASF para o cultivo da batata.

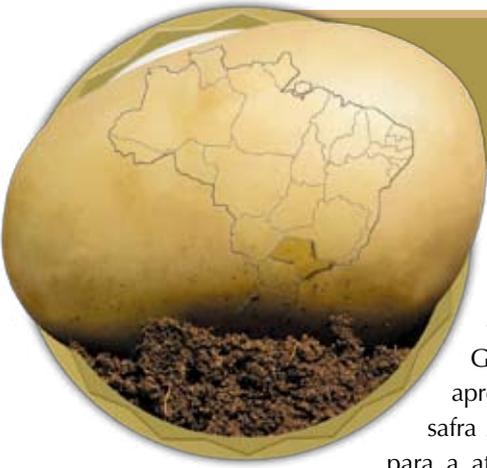
Produtos líderes e inovadores, desenvolvidos para máxima proteção de sua lavoura e com benefícios AgCelence®, para aumentar a qualidade da sua colheita.

- Maior produtividade: 10% (média).
- Melhor classificação: aumento do tipo especial 10% (média).
- Indução de resistência: menor incidência de sintomas de vírus e bactérias.
- Aumento do teor da matéria seca: 5% (média).

BASF

The Chemical Company

CÁLCULO DO CUSTO DE PRODUÇÃO EM VARGEM GRANDE DO SUL (SP)



Desde 2006, a equipe Hortifruti/Cepea tem apurado o Custo Total de Produção da safra de inverno na região de Vargem Grande do Sul (SP). Neste ano, apresentamos os dados finais da safra 2009 e uma estimativa de custo para a atual safra, cuja colheita finaliza em outubro – o Painei na região foi realizado em setembro de 2010. Os resultados das temporadas 2006 a 2008 podem ser encontrados na edição de nº 84 da **Hortifruti Brasil** (outubro/2009).

Quanto ao inventário da propriedade típica, houve poucas alterações frente à safra 2008. Já na safra 2009, os dois tratores de 75 cavalos 4x2 foram substituídos por máquinas da mesma potência, porém traçadas (4x4). O subsolador de 7 hastes foi substituído por um de 5 hastes. As operações de preparo de solo com grade niveladora e enxada rotativa, excluídas na edição anterior, voltaram nesta. Já a operação de aração foi excluída. Esse inventário é o considerado para apuração do custo

final da safra 2009 e também para a estimativa da temporada 2010.

O método de cálculo da mão-de-obra apresentado nesta edição foi alterado para as safras de 2009 e de 2010 – em relação à de 2008. Nas edições anteriores, o dispêndio com esse item era apurado com base no custo horas/homem por atividade. Na tabela atual (ao lado), o cálculo toma como base o gasto total do empregador com salários e encargos, independente do rendimento de cada funcionário na execução de determinada atividade. No método anterior, o gasto com mão-de-obra estava subestimado, já que não levava em conta a ociosidade do funcionário. Além da mudança metodológica, os gastos com mão-de-obra se elevaram em 2009 (consolidado) e em 2010 também por conta do aumento efetivo dos salários e da maior produtividade, que requer mais mão-de-obra para a colheita.

Os participantes do Painei de setembro declararam que não há gastos com assistência técnica, pois esta já é disponibilizada no pacote tecnológico adquirido das empresas de insumos.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

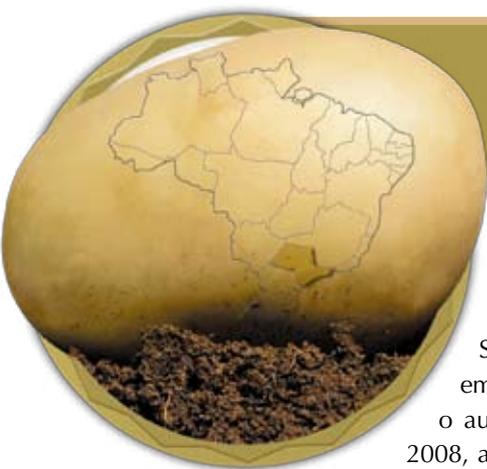
Segundo os participantes do Painei realizado em setembro de 2010, a propriedade típica de batata em Vargem Grande do Sul tem 80 hectares, as terras para o plantio são arrendadas, utiliza pivô central e serviço de beneficiamento terceirizado. Em suas operações, usa:

- 3 tratores, sendo dois de 75 cv 4x4 e um de 110 cv 4x4
- 1 distribuidor de calcário de 1,2 mil kg
- 1 grade aradora
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 grade niveladora
- 1 plantadora, sem adubadora, de três linhas
- 1 adubadora de três linhas
- 1 aplicador de adubo para cobertura
- 1 pulverizador de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 1 arrancadeira de batatas
- 1 fresadora de três linhas
- 1 guincho hidráulico
- 1 pá carregadora
- 1 tanque micron
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 caminhão

Tabela 1. Custo total de produção de batata beneficiada de Vargem Grande do Sul (SP) na safra de inverno de 2009 e 2010

Itens	2009		2010	
	Final (R\$/ha)	%CT	Preliminar (R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	5.043,05	27,13%	4.171,93	22,31%
Fertilizantes	2.510,00	13,50%	2.109,31	11,28%
Tratamento de semente	678,00	3,65%	866,00	4,63%
Fungicidas	1.195,40	6,43%	800,35	4,28%
Inseticidas	606,25	3,26%	307,44	1,64%
Herbicidas	47,00	0,25%	78,84	0,42%
Adjuvante	6,40	0,03%	9,99	0,05%
(B) Sementes	3.125,00	16,81%	2.875,00	15,37%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	390,42	2,10%	373,30	2,00%
Adução básica	29,42	0,16%	28,05	0,15%
Plantio	77,10	0,41%	73,54	0,39%
Grade aradora/encorporação	157,73	0,85%	150,86	0,81%
Subsolagem	85,43	0,46%	81,99	0,44%
Calcário	15,17	0,08%	14,46	0,08%
Grade niveladora	25,57	0,14%	24,40	0,13%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	239,18	1,29%	229,23	1,23%
Amontoa	40,91	0,22%	39,15	0,21%
Pulverização de inseticidas	77,27	0,42%	74,17	0,40%
Pulverização de fungicidas	77,27	0,42%	74,17	0,40%
Pulverização de herbicidas	15,56	0,08%	14,94	0,08%
Adução para cobertura	28,17	0,15%	26,80	0,14%
(E) Irrigação	554,93	2,99%	887,89	4,75%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	189,77	1,02%	181,12	0,97%
(G) Mão-de-obra nas operações mecânicas	750,00	4,03%	750,00	4,01%
(H) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	921,60	4,96%	1.302,40	6,96%
(I) Custos administrativos	760,59	4,09%	757,71	4,05%
(J) Comercialização/Beneficiamento	3.200,00	17,21%	3.700,00	19,78%
(K) Impostos	30,86	0,17%	30,86	0,17%
(L) Seguro	32,95	0,18%	32,95	0,18%
(M) Arrendamento	1.446,28	7,78%	1.446,28	7,73%
(N) Financiamento de Capital de Giro	1.032,02	5,55%	1.090,45	5,83%
(O) Custo Operacional (CO) = A + B + ... + N	17.716,65	95,30%	17.829,12	95,33%
(P) CARP	873,85	4,70%	873,85	4,67%
Custo Total (CT) = O + P	18.590,50	100,00%	18.702,97	100,00%
Produtividade média	640 sacas/ha		740 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	29,05		25,27	

Fonte: Cepea



Avaliando os dados de 2006 a 2009, constata-se que os custos em Vargem Grande do Sul alcançaram valores recordes em 2009. Por saca beneficiada, o aumento foi de 8% em relação a 2008, atingindo R\$ 29,05/sc. Por hectare, o encarecimento da produção foi de 4,5%, chegando a R\$ 18.590,50/ha. O custo aumentou mais por saca que por hectare devido à queda de produtividade de 2008 para 2009 - dados do custo de 2008 encontram-se na edição de nº 84 da **Hortifruti Brasil** (outubro/2009).

Vargem Grande do Sul é a principal fornecedora do tubérculo na safra de inverno e uma referência para análise de custos, responsável por 35% da área total cultivada na temporada de 2009.

Quanto aos gastos por item de custo, os defensivos foram os que mais se elevaram em 2009, sobretudo os fungicidas, porque foi uma temporada de inverno de muita umidade e baixa temperatura na região, aumentando a incidência de fungos – principalmente da requeima. Além disso, cresceram também os gastos com inseticidas, apesar da maior umidade. No total, os gastos com defensivos foram 74% maiores que em 2008, elevando a participação deste item no custo total de 8% em 2008 para 14% em 2009. O grupo dos fungicidas, especificamente, chegou a dobrar de uma safra para outra.

O gasto com sementes também se elevou em 2009, frente a 2008. O custo da semente está diretamente relacionado ao preço da batata e, em 2009, as cotações estiveram boas durante o plantio (abril). Com isso, o custo com semente foi 42% superior a 2008, e sua importância no custo total de

produção subiu de 12% para 16%.

O maior aumento entre os itens do custo foi com mão-de-obra. Nesta contabilidade em particular, teve forte reajuste não só pelo reajuste oficial do salário como também pela mudança no método de apuração pela Hortifruti/Cepea, que deixou de ser de hora/homem para se tornar o total gasto pelo produtor em salários e encargos.

Quanto aos fertilizantes, houve queda de aproximadamente 20% nos gastos com esse item em 2009. Isto ocorreu porque, em 2008, os preços dos fertilizantes estavam inflacionados pelo petróleo e alta demanda pelo insumo.

Os custos com operações mecânicas – considerando-se somente diesel e gastos de manutenção de máquinas e equipamentos – tiveram queda de 10% em 2009 frente à 2008, devido à queda no preço do óleo diesel.

A queda de 35% nos gastos com irrigação, por sua vez, deveu-se ao ano atipicamente chuvoso na região.

Quanto aos gastos com comercialização/beneficiamento, houve ligeira queda frente a 2008, mas o motivo foi a menor produtividade em 2009, o que não é nada bom.

Foi identificado também menor gasto com capital de giro, mas isso está relacionado à opinião dos participantes do Painel sobre a situação média do produtor daquela região. Segundo os presentes, em média, o bataticultor de Vargem Grande utiliza capital próprio para financiar 57% do fluxo de caixa, 11% do montante total é captado via crédito oficial (do governo) e o restante, menos de um terço, é financiado pelas vendas de insumos.

CUSTO EM VARGEM GRANDE DO SUL DEVE REDUZIR EM 2010

Dados preliminares da safra 2010 na região de Vargem Grande do Sul (SP) apurados pela equipe Hortifruti/Cepea apontam redução de 13% no custo por saca comercializada. A razão é o aumento da produtividade estimada: de 640 sacas/ha em 2009 para 740 sacas/ha em 2010. A

safra 2010 na região deve ser finalizada no início de novembro.

Por hectare, a estimativa é de um ligeiro aumento de 0,6% do custo em relação a 2009, fato atribuído ao maior gasto com beneficiamento e mão-de-obra na colheita, em função da maior

EM VARGEM GRANDE DO SUL (SP)

produtividade.

Estima-se que o custo com sementes tenha uma queda de pelo menos 8% frente à safra 2009, devido aos preços inferiores de batata nesta safra.

A queda nos gastos com defensivos é outro importante item que contribuiu para a redução nos custos em 2010. Na média, os dispêndios com defensivos foram 19% menores que no ano anterior. A participação desse item no custo total caiu de 14% em 2009 para 11% em 2010. O menor gasto com defensivos se deve ao clima seco em 2010, que resultou, além do menor gasto com defensivos, também em aumento de produtividade - as áreas de produção de batata nesta região são todas irrigadas. Até mesmo o gasto com inseticidas foram menores neste ano, visto que, em 2009, registrou-se elevada incidência de lagartas. Quanto aos fertilizantes, o dispêndio diminuiu 16% devido ao menor preço do insumo.

A exemplo do observado de 2008 para

2009, também de 2009 para 2010 constata-se redução de gastos com as operações mecânicas. Novamente, o diesel está mais barato que no ano anterior. Esse item teve queda de 4% frente à safra 2009.

Por outro lado, um importante incremento nos custos deste ano foi com irrigação, que requereu dispêndio 60% maior que em 2009. Ao contrário do ano passado, o clima, principalmente no inverno, esteve bem seco. Clima seco, no entanto, propicia melhor qualidade e produtividade do tubérculo.

A mão-de-obra também pesou mais no bolso do produtor. Esse item teve aumento estimado em 23% por hectare, devido ao maior gasto na colheita - tal fato se deve à maior produtividade em 2010, pois o funcionário recebe por quantia (saca) colhida -, ao aumento efetivo dos salários.

O gasto com comercialização é outro item que teve forte aumento, de 16%, também devido ao avanço da produtividade.

Evolução dos custos de produção em Vargem Grande do Sul (SP) em 2009 e 2010



Fonte: Cepea, 2009; dados finais; 2010: dados preliminares da safra de inverno.

Só uma coisa cresce mais do que as p a partir da amontoa: a proteção de Infi



 **ATENÇÃO:** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomo.**

plantas
nito.



INFINITO[®]

Infito é proteção estendida na batata.

Você já pode deixar sua lavoura mais protegida contra a requeima. Chegou Infito, o novo fungicida da Bayer CropScience que atua a partir da fase da amontoa com consistência em folhas, hastes e tubérculos. Uma nova fórmula eficiente que se redistribui nos tecidos novos da planta e age continuamente nos momentos em que as plantas mais precisam.

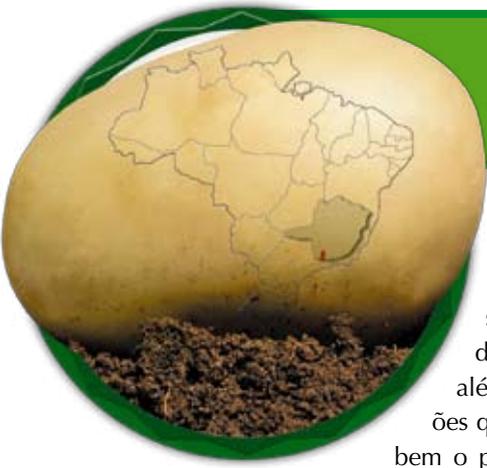
Infito - Proteção estendida.



Bayer CropScience
Se é Bayer, é bom.



CÁLCULO DO CUSTO DE PRODUÇÃO NO SUL DE MINAS GERAIS



Pela primeira vez, a **Hortifruti Brasil** apura os custos de produção de batata referentes à safra das águas. A região escolhida foi o Sul de Minas Gerais que, além de ser uma das principais regiões que produzem nessa safra, retrata bem o perfil de produtores de pequena escala (10 hectares), que normalmente ofertam mais na safra das águas.

O método de levantamento dos custos também foi o Painel, realizado em outubro de 2009 na cidade de Pouso Alegre (MG). Os dados referentes à safra 2008/09 são finais, enquanto que os da safra 2009/10 ainda são uma estimativa. Embora a safra já tenha encerrado, os dados finais ainda não foram checados com os participantes do Painel – o que será feito em nova visita dos pesquisadores à região. A estimativa é que o custo tenha sido maior do que o previsto inicialmente para a safra 2009/10

(publicados na tabela ao lado) por conta do uso intensivo de defensivos decorrente do excesso de chuvas na safra.

O perfil de uma propriedade típica de batata da safra das águas no Sul de Minas Gerais contempla uma área de apenas 10 hectares. A produtividade média para a temporada 2008/09 foi de 30 toneladas por hectare e, para a safra 2009/10, de 27 toneladas por hectare. A diminuição da produtividade resultou em estimativa de aumento do custo médio por saca de 6,79% frente à safra 2008/09 e em queda de 3,89% por hectare conforme estimado no orçamento feito para a safra 2009/10.

As principais diferenças de manejo no Sul de Minas em relação à Vargem Grande do Sul (SP) são a ausência de irrigação e maior predomínio de atividades manuais em detrimento das mecânicas. As operações de plantio, amontoa e adubação são todas realizadas manualmente, reduzindo os investimentos com maquinários.

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

Conforme os participantes do Painel realizado em outubro de 2009, a propriedade típica de batata no Sul de Minas Gerais tem 10 hectares, o plantio é em terra arrendadas e utiliza serviço de beneficiamento terceirizado. Em suas operações, usa:

- 2 tratores de 75 cv 4x4
- 1 pick-up de pequeno porte
- 1 arado de 4 discos e 28 polegadas
- 1 grade niveladora
- 1 distribuidor de calcário de 500 kg
- 1 carreta com capacidade para 3 toneladas
- 1 enxada rotativa
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 roçadeira de 3 hélices
- 1 pulverizador de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 1 arrancadeira de batatas
- 1 sulcador

**OXICLORETO
DE COBRE
LÍQUIDO**

100% Brasil

Difere
A inovação do cobre.



Tel.: 55 (16) 3209-1313
www.oxiquimica.com.br

Tabela 2. Custo total de produção de batata beneficiada do Sul de Minas Gerais na safra de verão 2008/09 e 2009/10

Itens	2008/2009		2009/10	
	(R\$/ha)	%CT	(previsão) (R\$/ha)	%CT
(A) Insumos	6.298,00	31,86%	4.266,00	22,45%
Fertilizantes.....	4.454,00	22,53%	2.309,00	12,15%
Tratamento de semente.....	427,00	2,16%	678,00	3,57%
Fungicidas.....	1.123,00	5,68%	1.006,00	5,29%
Inseticidas.....	179,00	0,91%	177,00	0,93%
Herbicidas.....	115,00	0,58%	96,00	0,51%
(B) Sementes	2.400,00	12,14%	3.600,00	18,95%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	474,16	2,40%	457,74	2,41%
Aração.....	132,87	0,67%	128,31	0,68%
Roçadeira.....	35,36	0,18%	33,99	0,18%
Grade aradora/encorporação.....	115,63	0,58%	111,98	0,59%
Subsolagem.....	102,09	0,52%	98,45	0,52%
Calcário.....	38,36	0,19%	36,99	0,19%
Grade niveladora.....	49,85	0,25%	48,02	0,25%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	123,76	0,63%	120,82	0,64%
Pulverização de inseticidas.....	47,58	0,24%	46,47	0,24%
Pulverização de fungicidas.....	57,09	0,29%	55,76	0,29%
Pulverização de herbicidas.....	19,09	0,10%	18,59	0,10%
(E) Operações para colheita mecânica (arranquio)	195,43	0,99%	190,08	1,00%
(F) Mão-de-obra	696,00	3,52%	812,00	4,27%
(G) Catação no sistema de colheita semi-mecanizado	1.220,00	6,17%	1.220,00	6,42%
(H) Custos Administrativos	991,00	5,01%	991,00	5,22%
(I) Comercialização/Beneficiamento	3.300,00	16,69%	3.300,00	17,37%
(J) Impostos	30,00	0,15%	30,00	0,16%
(K) Seguro	15,00	0,08%	15,00	0,08%
(L) Arrendamento	1.033,06	5,23%	1.033,06	5,44%
(M) Financiamento de Capital de Giro	655,39	3,31%	626,95	3,30%
(N) Custo Operacional (CO) = A+ B + ... + P	16.211,80	82,00%	15.442,65	81,27%
(O) CARP	3.558,76	18,00%	3.558,76	18,73%
Custo Total (CT) = CO + CARP	19.770,56	100,00%	19.001,41	100,00%
Produtividade média	600 sacas/ha		540 sacas/ha	
Custo Total por saca beneficiada	32,95		35,19	

Fonte: Cepea

PEQUENA ESCALA ELEVA OS CUSTOS FIXOS DO BATATICULTOR DO SUL DE MINAS

O capital imobilizado da propriedade, que na metodologia do Cepea teria sua remuneração calculada através do chamado Custo Anual de Reposição do Patrimônio (CARP), costuma ser o item de maior peso no custo total da batata no Sul de Minas Gerais.

Apesar de o inventário de máquinas da propriedade típica dessa região ser mais enxuto do que encontrado nas demais regiões avaliadas, a menor escala de produção acaba tornando a quantidade de máquinas por área a maior das três regiões. Na safra 2009/10, o custo fixo no Sul de Minas representou 18% do custo total enquanto que, em Vargem, 4,7%.

Especialmente na safra 2008/09, o item com maior participação na planilha de custo foi o fertilizante, devido aos altos preços do insumo no período. A adubação da lavoura representou 22,5% dos custos totais da safra 2008/09. Já na seguinte, os preços dos fertilizantes recuaram quase pela metade em relação ao ano anterior, com os fertilizantes retornando à sua participação tradicional nos gastos com o tubérculo – em 12,15% no orçamento da temporada 2009/10. A queda nos preços dos fertilizantes nesta safra, a propósito, foi o fator determinante para o menor custo por hectare frente à anterior.

Já os gastos com defensivos aumentaram 6% em

2009/10 em função principalmente do maior gasto com tratamento de sementes. Também no caso das sementes, houve aumento estimado de 50% na safra 2009/10, devido aos elevados preços da batata no período do plantio.

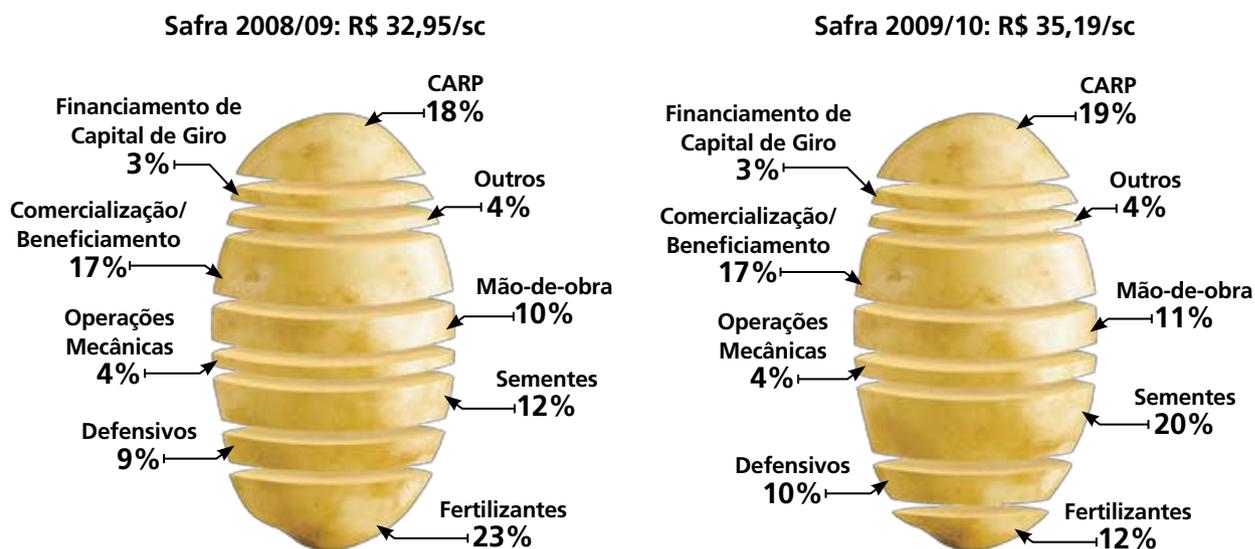
Os custos com as operações mecânicas tiveram ligeira queda de 3% de uma safra para outra, reflexo do menor preço do óleo diesel.

Para os demais itens, esta estimativa da safra 2009/10 considerou os mesmos valores da safra 2008/09. Os dados finais da safra 2009/10 serão apresentados no *Especial Batata* de 2011, juntamente com a estimativa do custo de produção 2010/11.

Para a safra das águas 2010/11, a tendência é de redução nos custos da semente, pois os preços do tubérculo estão inferiores aos do ano passado na época de plantio – normalmente, grande parte do plantio seria feita até final de setembro, mas, pela estiagem, a atividade está atrasada.

Com relação aos defensivos, é previsto também um gasto menor por conta da forte estiagem no plantio e da previsão de que chova menos que na temporada das águas anterior. Os gastos com fertilizantes, entretanto, deverão ser maiores, pois, com exceção do cloreto de potássio, os demais apresentaram aumento nos preços. Por saca, a redução do custo da próxima safra (2010/11) vai depender da influência da estiagem sobre produtividade da lavoura.

Evolução dos custos de produção no Sul de Minas Gerais em 2008/09 e 2009/10



Fonte: Cepea. 2008/09: dados finais; 2009/10: dados preliminares da safra das águas.



Da esq p/ dir: José Antonio Furtado, Antonio Carlos Rodrigues, Leandro Rodrigues e Rodrigo Furtado, sócios proprietários.

“Para garantir sempre uma qualidade superior, há 15 anos utilizamos Kasumin, que nos oferece total segurança e eficácia na proteção da lavoura”.

Rodrigo Furtado, Gestor de Produção RFA.



Rodrigues Furtado Agropecuária

Há mais de quatro décadas na produção de batatas, sementes e cereais e 12 anos de experiência na pecuária, a RFA é referência no agronegócio em todo o Brasil.

Sua produção envolve tecnologia avançada e investimentos contínuos em qualidade e responsabilidade socioambiental, com apoio da Arysta LifeScience em uma parceria de confiança.

RFA e Arysta LifeScience: inovação, tecnologia e qualidade renovadas a cada geração.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, no folheto de leitura. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a distribuição do produto por terceiros no local.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO, VENCIA NOS RECEPTÁRIOS AGRONÔMICOS



Kasumin

O bactericida que cicatriza.



Arysta LifeScience

www.arystalifescience.com.br

CÁLCULO DO CUSTO DE PRODUÇÃO EM BRASÍLIA (DF)/CRISTALINA (GO)



A região de Brasília (DF)/Cristalina (GO), no cerrado goiano, se caracteriza pela concentração de poucos produtores de grande escala. Como nas demais regiões, o método de levantamento dos dados de custos de produção também foi o Painel. A reunião com produtores e técnicos foi realizada na cidade de Luziânia (GO), em agosto de 2010. Os dados apurados são referentes à safra 2009 e já são os finais (consolidados).

O perfil de uma propriedade típica de batata no cerrado goiano contempla uma área de 1.000 hectares, e a produtividade média estimada para a safra 2009 foi de 730 sacas por hectare.

Essa região apresenta elevado investimento em infra-estrutura. Apesar de a produção também ser em terras arrendadas – a exemplo do visto na bataticultura do Sudeste –, os produtores possuem uma base fixa (área própria) onde instalam toda a infra-estrutura de administração e beneficiamento, descrita a seguir:

- 3 câmaras frias
- Estrutura de Beneficiamento
- Escritório
- Depósito de defensivos e fertilizantes
- Almojarifado
- Oficina
- 1 poço artesiano
- Refeitório
- Posto de combustível com 7 tanques
- 3 casas de funcionários
- 1 laboratório
- 1 estufa

MAQUINARIA DA PROPRIEDADE TÍPICA

Conforme os participantes do Painel realizado em agosto de 2010, a propriedade típica de batata em Brasília (DF)/Cristalina (GO) tem 1.000 hectares e apresenta beneficiamento próprio do tubérculo. Em suas operações, usa:

- 10 tratores de 75 cv 4x4
- 7 tratores de 90 cv 4x4
- 6 tratores de 140 cv 4x4
- 2 guinchos motocana (adaptados)
- 1 máquina de esteira
- 1 retro escavadeira
- 1 escavadeira
- 1 pá carregadeira
- 2 motos
- 5 pick ups de pequeno porte
- 2 ônibus
- 2 caminhões
- 2 subsoladores de 7 hastes
- 2 grades aradoras
- 2 grades niveladoras
- 2 carretas de 5 toneladas
- 2 carretas de arrasto
- 2 enxadas rotativas
- 3 plantadoras, sem adubadora, de 4 linhas
- 2 adubadoras de 4 linhas
- 6 pulverizadores de 2 mil litros com barra de 18 metros
- 3 arrancadeiras de batata
- 2 fresadoras de 4 linhas
- 2 trinças
- 1 plaina
- 1 esparramador de uréia a lança
- 1 tanque de abastecimento de diesel
- 2 pontes volantes para descarga de *bags*
- 100.000 mil caixas para armazenar semente
- 500 palets
- Estruturas móveis para: escritório, refeitório, oficina, lavadora
- Classificador de semente
- Classificador de semente de pré limpeza
- 2 motobombas
- Caixa d'água (20.000 mil litros)
- 3 empilhadeiras
- 3 geradores de energia

Tabela 3. Custo total de produção de batata beneficiada de Brasília (DF)/Cristalina (GO) na safra 2009

Itens	2009 (R\$/ha)	2009 (R\$/sc)	%CT
(A) Insumos	3.143,63	4,31	18,07%
Fertilizantes	2.193,03	3,00	12,60%
Fungicidas	561,26	0,77	3,23%
Inseticidas	282,94	0,39	1,63%
Herbicidas	69,39	0,10	0,40%
Adjuvante	37,01	0,05	0,21%
(B) Sementes	2.071,14	2,84	11,90%
(C) Operações mecânicas para preparo de solo	836,91	1,15	4,81%
Aração	76,51	0,10	0,44%
Adubação básica	61,40	0,08	0,35%
Plantio	128,31	0,18	0,74%
Grade aradora/encorporação	77,27	0,11	0,44%
Subsolagem	146,79	0,20	0,84%
Raçadeira	107,92	0,15	0,62%
Grade niveladora	120,90	0,17	0,69%
Carreta	117,81	0,16	0,68%
(D) Operações mecânicas para tratos culturais e amontoa	167,39	0,23	0,96%
Amontoa	40,24	0,06	0,23%
Pulverizações	127,15	0,17	0,73%
(E) Irrigação	404,80	0,55	2,33%
(F) Operações para colheita mecânica (arranquio)	141,72	0,19	0,81%
(G) Mão-de-obra	980,80	1,34	5,64%
(H) Frete	600,00	0,82	3,45%
(I) Câmara fria	132,00	0,18	0,76%
(J) Custos administrativos	978,50	1,34	5,62%
(K) Comercialização/Beneficiamento	2.171,92	2,98	12,48%
(L) Impostos	20,00	0,03	0,11%
(M) Arrendamento	2.000,00	2,74	11,49%
(N) Financiamento de Capital de Giro	409,46	0,56	2,35%
(O) Custo Operacional (CO) = A + B + ... + N	14.058,27	19,26	80,79%
(P) CARP	3.343,15	4,58	19,21%
Custo Total (CT) = O + P	17.401,42	23,84	100,00%
Produtividade Média	730 sacas/ha		

Fonte: Cepea

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produto.

**COM PREMIO[®], VOCÊ SABE ONDE AS
TRAÇAS-DA-BATATINHA FORAM PARAR.
FORA DA SUA LAVOURA.**

Premio[®] e Rynaxypyr[®] são marcas registradas da DuPont[™]. ©Copyright, 2009, DuPont do Brasil S/A. Todos os direitos reservados.



**Agora sua lavoura, sua produtividade e sua rentabilidade
estão muito mais protegidas. É só aplicar Premio[®].**

- Alta eficiência no controle da traça-da-batatinha;
- Molécula Rynaxypyr[®]: modo de ação único e eficiente;
- Rápida parada alimentar: mais segurança para sua lavoura;
- Longo período de controle;
- Seletivo a insetos benéficos, inclusive abelhas;
- Contribui com o Manejo Integrado de Pragas (MIP);
- Mais favorável ao homem e ao meio ambiente.

Premio[®]. Proteção para sua lavoura. Rentabilidade para você.

www.dupontagricola.com.br – Tele DuPont Agrícola 0800-707-5517



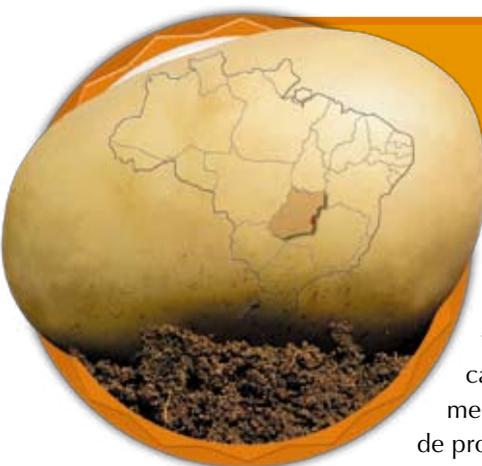
DuPont™ Premio®

Inseticida

Powered by
RYNAXYPYR®



Os milagres da ciência



Alta escala de produção e o uso intensivo da tecnologia tornam os custos operacionais tanto por hectare quanto por saca em Brasília (DF)/Cristalina(GO) menores que os das duas estruturas de produção avaliadas anteriormente.

O custo do capital imobilizado, denominado Custo Anual de Reposição do Patrimônio (CARP) por hectare, é maior do que Vargem Grande do Sul (SP), por conta da infra-estrutura envolvida como beneficiamento próprio do tubérculo e câmaras frias. No entanto, a maior escala de produção (1.000 hectares), faz com que custo do capital imobilizado seja inferior ao do Sul de Minas Gerais, onde as propriedades têm, em média, apenas 10 hectares.

Para conseguir obter um custo mais baixo com tal estrutura, o emprego de tecnologias minimizadoras de custo, manejo agrônomo adequado e gestão profissional são essenciais em Brasília (DF)/Cristalina(GO).

Quanto à gestão, há uma melhor divisão das tarefas do que o observado nas propriedades típicas de batata administradas diretamente pelo produtor. Cada atividade relevante tem um

responsável por sua execução, e sua tomada de decisão é baseada em critérios técnicos e econômicos. Com a divisão da responsabilidade, é mais fácil se obter a execução correta das atividades. O administrativo, por exemplo, se dedica a avaliar os desempenhos operacionais da propriedade e conta com um grupo responsável somente pelas compras, tendo, assim, mais tempo de orçar os insumos e negociar as melhores condições, especialmente levando em conta a escala de produção.

Em propriedades de batata de até 100 hectares, a gestão costuma ser centralizada em uma única pessoa, o produtor. Sem a divisão das tarefas, as decisões muitas vezes não seguem um critério técnico ou econômico. Isso, porém, não significa ineficiência porque esse produtor conhece muito bem a sua área e o seu comprometimento é muito grande. No entanto, por falta de tempo, pessoas ou conhecimento, talvez não consiga controlar todas as variáveis para administrar a sua propriedade, e isso pode impedir que sejam alcançados a melhor produtividade e rendimento econômico.

Chamou atenção o fato de a propriedade típica do cerrado goiano utilizar somente capital

Principais componentes dos custos de produção em Brasília (DF)/Cristalina (GO) em 2009

2009: R\$ 23,84/sc



Fonte: Cepea, 2009; dados finais.

OR QUE MINAS GERAIS E SÃO PAULO

próprio para o fluxo de caixa. Assim, considerando-se a mesma taxa de custo de oportunidade aplicada nos demais Painéis, em torno de 6%, o custo de capital de giro é inferior ao constatado nas outras duas regiões. Outro importante item da competitividade de Cristalina é a estrutura própria de beneficiamento, que reduz os custos com essa atividade.

Apesar da extensa folha de pagamento, os custos com mão-de-obra por hectare são apenas ligeiramente superiores aos das outras duas fazendas. Quanto às operações mecânicas, o custo no cerrado goiano é maior porque é mais intensivo em maquinário. No entanto, quando esses dois itens (operações mecânicas e mão-de-obra) são avaliados por saca, o custo é menor no cerrado em comparação às demais regiões.

O uso mais intensivo de máquinas e a estrutura própria de administração e comercialização elevam o custo de capital imobilizado, mas a escala de 1.000 hectares consegue diluir esse custo, tornando o resultado por unidade produzida melhor que o das propriedades de Vargem Grande e do Sul de Minas.

Outro fator favorável à produção em Brasília (DF)/Cristalina(GO) é o clima mais seco, que proporciona economia com defensivos e também um calendário de colheita mais extenso, ao longo de praticamente o ano todo, o que minimiza os riscos de concentração de oferta e de preços baixos. Além disso, na região, há poucas empresas produtoras e um mercado cativo – Nordeste, Norte e Centro-Oeste –, favorecendo a liquidez do produto e a menor concorrência.

• ESCOLHA MAIS PROTEÇÃO •

Zetanil

Ampla proteção com excelente ação sistêmica e rápida penetração.

A Formulação de grânulos dispersíveis (WG) é concentrada e confere ao produto segurança e facilidade no manuseio.

Muito indicado para manejo de resistência de doenças.

Zetanil WG
PERO LÍQUIDO: 110

Zetanil
CONTEÚDO: 5L

Prevenção em Dose Dupla
Combinação exclusiva:
Cimoxanil e Clorotalenil

Tomate - Requeima
Uva - Mídio
Batata - Requeima

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITÁRIO AGRÔNOMO.



www.sipcam-isagro.com.br

É POSSÍVEL REPRODUZIR O MODELO DE PRODUÇÃO DO CERRADO GOIANO NAS DEMAIS REGIÕES?

As três regiões analisadas são de difícil comparação entre si porque envolvem escalas de produção, número de produtores, disponibilidade de mão-de-obra, calendário de colheita, tecnologia e condições climáticas bastante distintas.

Apesar de o modelo analisado em Brasília (DF)/Cristalina(GO) ter o menor custo, o questionamento que se faz é se seria possível reproduzir tal estrutura para as demais regiões analisadas. No geral, a resposta é negativa. Do mesmo modo, um produtor de pequena escala de batata não viabilizaria sua atividade no Centro-Oeste porque a escala de produção é pequena e os mercados consumidores encontram-se mais distantes.

Nenhuma das regiões compete diretamente entre si. Assim, o custo mais elevado no Sul de Minas em relação às demais praças não a inviabiliza porque os calendários de colheita são distintos. Vargem Grande do Sul (SP) colhe principalmente de agosto a outubro e, o Sul de Minas, na safra de verão de dezembro a fevereiro. Mesmo Brasília (DF)/Cristalina(GO), que possui um calendário diluído ao longo do ano, não consegue competir no mesmo mercado que essas regiões do Sudeste por conta do frete.

O que os números sinalizam é que as regiões produtoras de São Paulo e Minas dificilmente vão conseguir competir com Brasília (DF)/Cristalina(GO) para atender o mercado do Norte e do Nordeste – pesam contra tanto o maior custo de produção quanto os custos com logística.

Outro aspecto a se levar em conta é o comportamento dos preços ao longo do ano. Normalmente, o período das águas apresenta cotações maiores que o inverno devido a problemas com a produção por conta do clima. Assim, mesmo com os custos superiores no Sul de Minas em comparação com Vargem Grande do Sul, os preços recebidos pelos produtores em Minas Gerais na safra das águas são melhores que no inverno.

Minimizar a exposição ao risco de prejuízos é o grande desafio de Vargem Grande do Sul para tornar sua produção mais sustentável economicamente. Os maiores riscos de prejuízos com batata coincidem com os meses de comercialização dessa região, acentuando-

se em setembro. Assim, é fundamental que produtores dessa região não concentrem o calendário de colheita e consigam ter uma gestão eficiente dos custos e um provisionamento financeiro adequado para enfrentar tempos de crise.

Apesar de comparações diretas entre as regiões não serem viáveis tecnicamente, a análise dessas três estruturas produtivas favorece algumas conclusões comparativas. Uma delas é o efeito da escala sobre o custo fixo de máquinas e equipamentos.

O Sul de Minas tem custo fixo mais elevado do que as demais propriedades porque apresenta uma área média de plantio muito pequena para absorver tal inventário. A justificativa dos produtores da região é que eles precisam de um conjunto mínimo

de máquinas e equipamentos para o manejo da cultura. Uma análise mais crítica desse inventário poderia, então, apontar para o uso de tal maquinário de forma dividida com outros produtores e ou que fossem diversificadas as culturas durante o ano, para diluir os custos fixos. Outra alternativa seria tentar organizar os produtores em cooperativas ou em grupos para viabilizar um mercado de aluguel de maquinário.

Quanto maior a escala, menor o custo fixo. Vargem Grande do Sul, por exemplo, tem CARP quatro vezes menor por hectare que o Sul de Minas por conta principalmente da maior área cultivada. Em Brasília(DF)/Cristalina(GO), o CARP foi muito parecido com o calculado para o Sul de Minas. No entanto, com tal estrutura de maquinário, o cerrado goiano consegue reduzir outros custos, como os tratamentos culturais manuais e o custo terceirizado de beneficiamento.

O que o modelo do cerrado goiano mostra é que a eficiência agrônômica e gerencial pode ser minimizadora de custo. Talvez as demais regiões não se viabilizem com tal escala, mas, através de cooperativas/associações, poderia ser possível reproduzir a mesma tecnologia e gestão, elevando-se a competitividade e, por consequência, a sustentabilidade econômica do negócio.■

“São Paulo e Minas Gerais dificilmente vão conseguir competir com cerrado goiano para atender o mercado do Nordeste – pesam contra tanto o maior custo de produção quanto os custos com logística.”



CAPTURE[®]

400 EC



A sua nova opção para
controle da larva-alfinete



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO



fmcagricola.com.br

Fazendo Mais pelo Campo



Fim-de-safra em Mogi Guaçu

Mogi Guaçu finaliza safra em outubro

A safra de inverno de Mogi Guaçu (SP) deve ser encerrada no final de outubro, totalizando na temporada 9,5 milhões de pés colhidos. A região paulista está com a produtividade alta, em torno de 400 caixas/mil pés. Como Mogi Guaçu tem um período longo de colheita, que vai de abril até outubro, a região consegue aproveitar algumas janelas no mercado interno, o que permite que produtores negociem o tomate a valores mais elevados em alguns períodos. Considerando o período de abril a setembro, o valor médio do tomate salada longa-vida recebido por produtores foi de R\$ 17,56/cx de 27 kg – já ponderado pela quantidade colhida em cada mês e pela classificação do tomate (1A ou 2A). Essa média é 27% superior ao valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura no mesmo período, resultado do escalonamento da colheita e da excelente qualidade do fruto.

Diminui ritmo de colheita em Araguari

Com a safra de inverno de Araguari (MG) se aproximando do fim, produtores da região vêm reduzindo o ritmo de colheita. Restam apenas 9% da safra para ser colhida até novembro, mas, segundo produtores, as atividades de campo podem ser finalizadas antecipadamente, em outubro. Isso porque o clima quente acelerou a maturação dos frutos, fa-

zendo com que parte dos tomates passasse do ponto de colheita, prejudicando a qualidade. Quanto à produtividade, a região mineira colheu cerca de 400 caixas/mil pés entre agosto e setembro.

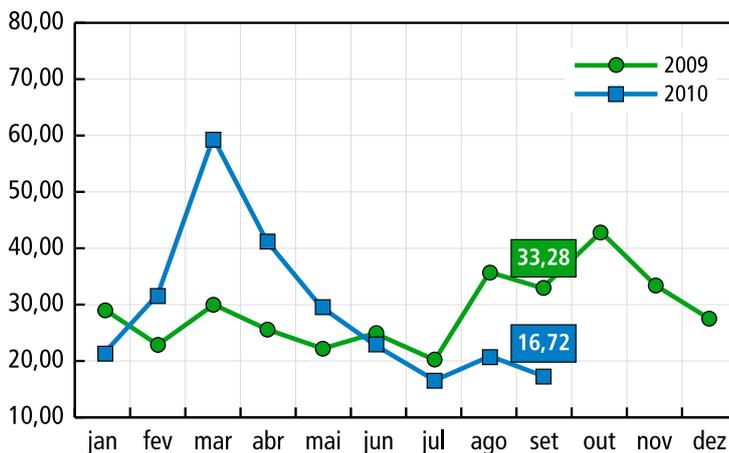
Itapeva segue com o transplântio

Em outubro, produtores da região de Itapeva (SP) devem realizar os trabalhos de transplântio pelo quarto mês seguido. Estima-se que 30 milhões de mudas sejam transplantadas na região até o fim de fevereiro de 2011. De modo geral, desde o início das atividades, em julho, o clima foi favorável ao desenvolvimento das plantas – quando houve necessidade, muitas lavouras da região utilizaram a irrigação. A safra de verão 2010/11 de Itapeva deve iniciar em novembro, com a colheita de aproximadamente 6 milhões de pés. A produtividade inicial esperada é de 300 cx/1000 pés.



Retorno da chuva favorece lavouras

As chuvas devem ser mais regulares em outubro nas regiões Sul e Sudeste do País, segundo a Somar Meteorologia. Este cenário é favorável ao desenvolvimento da segunda parte da safra de inverno, principalmente em Sumaré (SP), Paty do Alferes (RJ) e Sul de Minas. Apenas para o norte do Paraná e Caçador (SC) há risco de veranico entre novembro e dezembro, o que pode acelerar a maturação dos frutos. Já entre janeiro e fevereiro/11, a previsão é de chuvas mais concentradas no Sudeste, quando deve ocorrer o pico de colheita da safra de verão de Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES) e Nova Friburgo (RJ). Caso este cenário se confirme, a qualidade dos frutos pode ser comprometida. Entre janeiro e fevereiro do próximo ano, também deve ocorrer o transplântio da safra de inverno 2011, quando as chuvas podem ser favoráveis ao desenvolvimento das mudas. Na região da Chapada Diamantina (BA), a previsão é de que as precipitações voltem em outubro, com normalização do volume de chuva apenas em novembro, o que deve favorecer o desenvolvimento das roças de verão.



Preço recua com oferta elevada em setembro

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg

Fonte: Cepea



Alfaces Eagle

*As mais preparadas para
destacar-se no verão!*



Irene



Aroeira



Ironwood



Bálsamo



Cioba



Winslow



Parma



Itapema



Perovana

Saiba todas as características e recomendações acessando o site e escolha o cultivar que melhor atende suas necessidades.

www.eaglesementes.com.br



Sinônimo de qualidade.



Menor oferta pode, enfim, elevar preços

Oferta nacional começa a diminuir

A oferta de cebola no mercado doméstico deve ser menor em outubro. Isso porque as safras paulistas de Monte Alto e de São José do Rio Pardo estão no fim e as regiões produtoras de Minas Gerais e de Goiás desaceleraram o ritmo de colheita. Estima-se que restem apenas 30% de toda a safra mineira e goiana para ser colhida até novembro. No Nordeste, produtores de Irecê (BA) e do Vale do São Francisco também devem disponibilizar pequeno volume em outubro. Além disso, o pico de safra de Mossoró (RN) está previsto para ocorrer apenas em novembro. A menor oferta nacional de cebola, por sua vez, pode fazer com que os preços subam, mantendo-se em patamares mais firmes até o início da safra sulista, que deve começar no final deste mês.



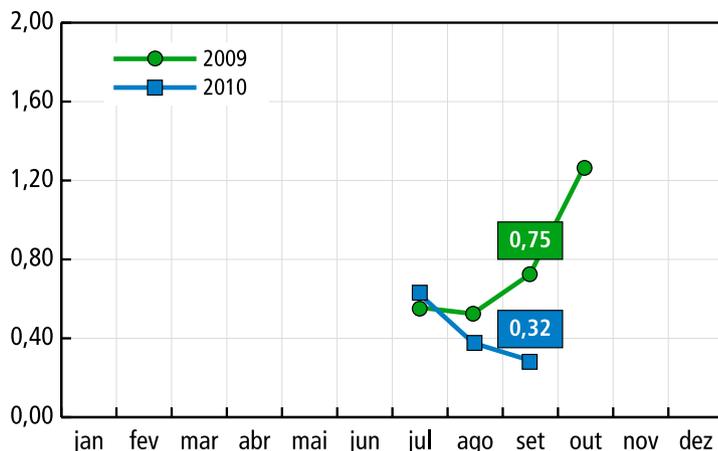
Chuva no final de setembro ameniza preocupação no Sul

Em setembro, cebolicultores das regiões produtoras do Sul do País se mostraram preocupados quanto ao clima seco. Em Irati (PR) e Ituporanga (SC), a estiagem persistiu por mais de 50 dias, mas não chegou a prejudicar a produção dos bulbos já transplantados. No final de setembro, as chuvas ocorridas nessas praças sulistas amenizaram as preocupações de produtores, já que foram favoráveis aos bulbos que estavam em fase de desenvolvimento. Em Lebon Régis (SC), região mais tecnificada, a

maioria dos produtores tradicionais possui sistema de irrigação. Assim, as chuvas no final de setembro acabaram sendo benéficas para o abastecimento dos açudes e reservatórios. Segundo cebolicultores dessa região catarinense, a produtividade das lavouras e a qualidade dos bulbos não devem ser prejudicadas. Os custos finais, no entanto, devem ser mais elevados, por conta do maior dispêndio com energia elétrica nas sucessivas irrigações. Apesar da seca, a previsão do início da colheita de precoces ainda é para o final de outubro. Segundo a Somar Meteorologia, as chuvas devem se tornar mais abundantes no final do mês, mas ainda há risco de retorno da estiagem entre novembro e dezembro. Caso esse clima se confirme, o cenário será favorável tanto para a colheita de precoces quanto para o desenvolvimento das crioulas.

Clima seco eleva custos

A seca que atingiu algumas praças do Vale do São Francisco entre junho e julho elevou a incidência de pragas nas lavouras, principalmente do inseto *Thrips tabaci*, ou tripses. Essa praga compromete o crescimento das plantas, resultando em quebra de produtividade, já que o bulbo reduz de tamanho e de peso (menor rendimento de caixa 3). Além da perda de produção, cebolicultores do Vale do São Francisco relataram que houve aumento dos gastos com defensivos, devido à necessidade de maior uso de inseticidas. Esse cenário fez com que o valor mínimo estimado por produtores da região para cobrir os gastos com a cultura em julho aumentasse 23% sobre a média calculada em junho. Já em Monte Alto (SP), o clima seco foi favorável à cultura – produtores da região comentaram, até mesmo, que houve redução no uso de defensivos. Por outro lado, os gastos com irrigação aumentaram, de modo que não houve alterações significativas no valor mínimo estimado por produtores paulistas para cobrir os custos. Cebolicultores de Monte Alto também registraram perdas na produção em setembro, com a porcentagem de descarte no beneficiamento chegando a 5%.



Cotações têm nova queda em setembro

Preços médios recebidos por produtores de Monte Alto e São José do Rio Pardo (SP) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepeca





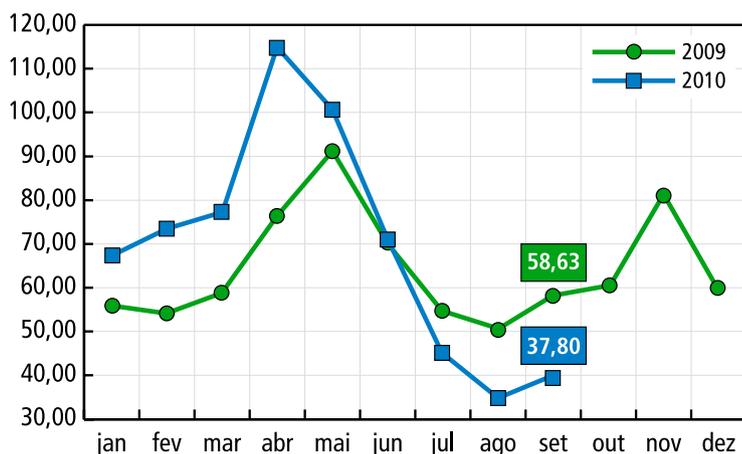
Final de colheita em Vargem Grande do Sul diminui oferta

Menor oferta em outubro

A disponibilidade de batata no mercado nacional deve diminuir neste mês. A redução está atrelada, principalmente, à desaceleração do ritmo da colheita nas regiões de Vargem Grande do Sul (SP) e Sul de Minas Gerais – a safra nestes locais termina em outubro. Em Brasília (DF)/Cristalina (GO), a oferta deve ser 30% menor neste mês em comparação à de setembro. Mesmo com o início da safra de inverno no Sudoeste Paulista e da intensificação da colheita na região de Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba, o volume não deve ser suficiente para aumentar a oferta nacional. Quanto aos preços, seguiram em patamares baixos em setembro. A média do mês no atacado de São Paulo da batata especial padrão ágata foi de R\$ 37,80 sc de 50 kg.

Fim-de-safra em Vargem Grande do Sul e Sul de Minas

A safra em Vargem Grande do Sul (SP) e na região Sul de Minas Gerais deve encerrar em outubro. Nestas regiões, devem ser colhidos 12% e 15%, respectivamente, do restante cultivado na temporada – ambas deixaram para outubro volumes inferiores aos que tipicamente colhem no período. As condições climáticas foram bastante favoráveis durante quase toda a safra nas duas regiões. Na praça paulista, o clima quente acelerou a colheita, que ocorreu sem intervalos durante toda a safra (de julho a setembro). Já em Minas Gerais, as atividades foram adiantadas em cerca de um mês



devido à antecipação do plantio. Em Vargem Grande do Sul, o preço médio recebido pelo produtor foi cerca de R\$ 24,12/sc de 50 kg em setembro, valor semelhante ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. No Sul de Minas, a média do preço recebido pelo produtor pela saca de 50 kg foi de R\$ 26,17, valor também próximo ao mínimo estimado para cobrir os gastos.



Seca atrasa plantio das águas

O clima seco de julho até meados de setembro foi a maior dificuldade enfrentada por produtores de quase todas as regiões que cultivam a safra das águas. No Sul de Minas, onde o plantio começou em agosto, a área cultivada foi de apenas 10% (o usual para este mês é 25%). Em setembro, a área plantada foi 15% inferior ao usual para o período – poderia ser ainda menor se a estiagem se prolongasse. A previsão é de chuva em todo o estado de Minas Gerais em outubro, o que deverá acelerar as atividades de campo. Quanto ao Paraná, que se aproxima do final do plantio, restando 37% da área a ser cultivada em outubro – o estado geralmente termina as atividades em setembro. Muitos produtores paranaenses aproveitaram para intensificar as atividades nas duas primeiras semanas de agosto, quando choveu no estado. Após esse período, as lavouras tiveram falta de umidade, o que atrasou a emergência da parte aérea da planta. No final de setembro, no entanto, com o retorno das precipitações, houve recuperação de grande parte desse tubérculo. Ainda na região Sul do País, as cidades de Guarapuava (PR), Água Doce (SC) e Bom Jesus (RS) devem intensificar o plantio neste mês, com expectativa de cultivar mais 55%, 30% e 20%, respectivamente, do total. A previsão para o Sul do País é que, entre outubro e novembro, as chuvas sejam mais frequentes. Já entre novembro e dezembro há risco de veranico, o que pode prejudicar a tuberculização das lavouras plantadas em outubro. O Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba deve iniciar as atividades neste mês, com previsão de chuvas, mas ainda em ritmo lento.



Cotações reagem pouco em SP

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea





RN/CE em pico-de-safra

RN/CE entra em pico de safra em outubro

O pólo produtor Chapada do Apodi (RN)/ Baixo Jaguaribe (CE) entra em pico de colheita em outubro. Segundo colaboradores do Cepea, até dezembro, devem ser colhidos cerca de 70% do volume total produzido no Rio Grande do Norte e no Ceará. A maior disponibilidade da fruta, por sua vez, deve elevar o volume embarcado. De modo geral, as exportações devem ser intensificadas em novembro, quando a safra da Espanha é totalmente finalizada. Até agosto deste ano, foram enviadas cerca de 5,5 mil toneladas de melão ao mercado externo, sendo 99% do volume para a Europa, segundo dados da Secex. Em setembro, o melão brasileiro honeydew tipo 9 foi comercializado no porto de Roterdã à média de US\$ 8,98/cx de 10 kg, recuo de 45% em relação ao mesmo período de 2009, segundo o Serviço de Comercialização Agrícola do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (AMS/USDA). Apesar de a maior parte da fruta colhida no pólo nordestino ser destinada ao mercado externo, a região também atende à demanda doméstica neste período, como a Ceagesp.

Tempo seco pode influenciar aparecimento de mosca minadora

Normalmente, o clima seco nas regiões produtoras de melão do Vale do São Francisco e do pólo Rio Grande do Norte/Ceará preocupa agentes quanto à ocorrência da mosca minadora. No entan-

to, até o final de setembro, produtores não relataram problema com a mosca. Porém, o controle da praga pode ser dificultado a partir de outubro, devido à previsão de continuidade de clima seco e quente. Além da questão sanitária, a incidência da mosca reduz a doçura (*brix*) do melão, desfavorecendo as exportações – o teor elevado de açúcares é uma das principais exigências do mercado externo.

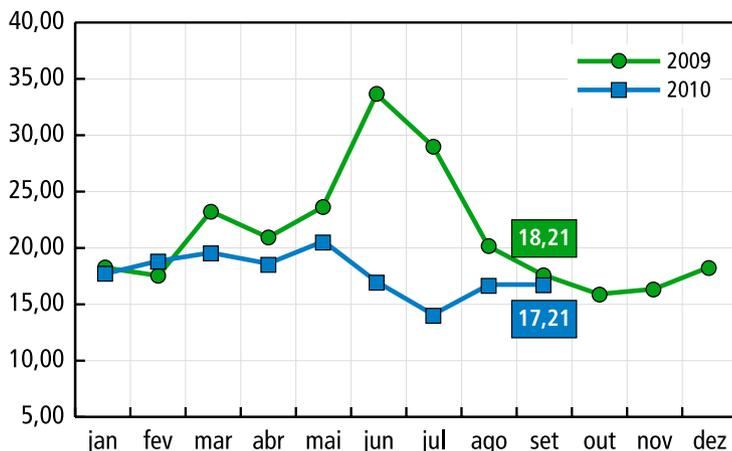
Replanteio é realizado visando oferta no fim do ano

Produtores da região do Vale do São Francisco devem realizar o replanteio de melão em outubro, visando ofertar a fruta no mercado doméstico no final do ano, quando a demanda é mais aquecida. Entre setembro e novembro, a oferta de melão deve ser escassa na região do Vale, uma vez que a maioria dos produtores interrompeu o plantio no inverno. Quanto aos preços, em setembro, mesmo com a baixa oferta da fruta do Vale, as cotações da fruta recuaram, devido ao maior volume proveniente na Chapada do Apodi (RN) e no Baixo Jaguaribe (CE). O melão amarelo graúdo tipo 6-7, posto em São Paulo, foi comercializado à média de R\$ 14,18/cx de 13 kg em setembro, baixa de 5% em relação à de agosto.



Clima deve permanecer seco no Nordeste

O inverno deste ano foi bastante seco no Nordeste brasileiro e, em outubro, o clima deve continuar com baixo volume de chuvas no Rio Grande do Norte, Ceará e Vale do São Francisco – segundo informações do Cptec/Inpe. Nesse cenário, a produtividade das lavouras da região deve continuar satisfatória. Por outro lado, o clima mais seco faz com que a incidência da mosca minadora aumente nos meloeiros, fazendo com que produtores elevem os gastos com defensivos. Além disso, a seca pode prejudicar a produtividade na Chapada do Apodi (RN) e no Baixo Jaguaribe (CE), já que o solo tende a ficar mais salinizado. O retorno regular das chuvas no Nordeste está previsto apenas para o verão de 2011, por influência do fenômeno *La Niña*.



Mesmo com mais oferta, preço fica estável no RN/CE

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 no atacado de São Paulo - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

GESTÃO DE MÁQUINAS
(Ed. novembro/2010)
Patrocinador,
Reserve já seu espaço até 20/10!
19 3429.8808



Oferta doméstica segue firme

Produtividade mantém oferta elevada

Em outubro, a oferta de cenoura deve continuar elevada nas principais regiões produtoras do País. O maior volume de raiz disponível no mercado segue atrelado ao bom rendimento das variedades de inverno nesta safra que, além de serem tipicamente mais produtivas, foram influenciadas por condições climáticas favoráveis (tempo quente e seco). A produtividade média da cenoura de todas as regiões produtoras do País teve aumento de 17% de junho (início da safra de inverno) para setembro, passando de 52 t/ha para 61 t/ha. Quanto aos preços, estão estáveis, mas em patamares baixos desde o final de julho e tendem a seguir desta forma até o fim da temporada (entre novembro e dezembro).



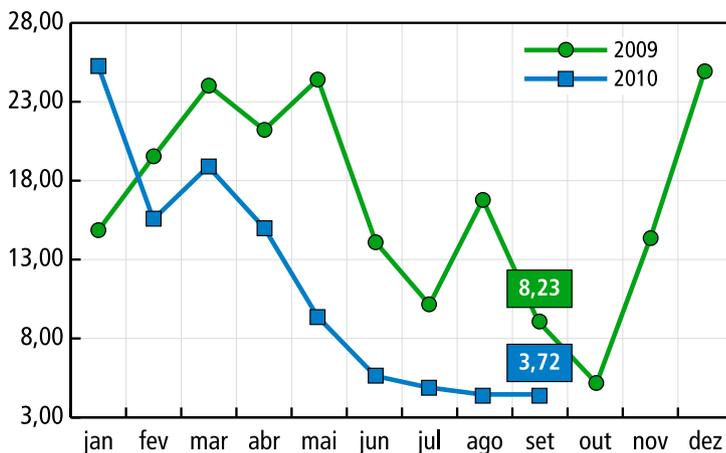
Maior oferta pressiona cotação no PR e BA; rentabilidade é negativa

Com maior oferta e cotações em baixa nos últimos meses, agricultores de Marilândia do Sul (PR) e de Irecê (BA) têm registrado rentabilidade negativa com a cultura da cenoura. A expectativa de agentes consultados pelo Cepea é que os preços aumentem apenas no final do ano, quando terminar a safra de inverno. Enquanto isso, produtores baianos e paranaenses são os mais prejudicados nesta safra. Isto porque, naquelas cidades, o cultivo das raízes é menos tecnificado que nas demais praças, princi-

palmente quanto à utilização de sementes comuns, que são menos produtivas e têm qualidade inferior em relação às híbridas. De julho (início da nova safra) até setembro, o preço médio de venda da caixa “suja” de 29 kg no Paraná foi de R\$ 4,90, valor 23% abaixo do custo mínimo estimado por produtores para produzir a mesma caixa. Na Bahia, no mesmo período, a cotação média foi de R\$ 4,25/cx “suja” de 20 kg, valor apenas 1% abaixo do estimado para cobrir os gastos com a cultura.

Clima não deve alterar calendário de plantio

O retorno das chuvas no fim de setembro nas principais regiões produtoras de cenoura do País (Minas Gerais e Goiás) manteve o calendário de plantio. Nas praças mineiras, isso ocorre porque há mais lavouras irrigadas. Já em Cristalina (GO), alguns agricultores interromperam as atividades de plantio em agosto por conta do tempo seco, mas as atividades já foram retomadas. A previsão da Somar Meteorologia é de que as chuvas ocorram em ambas as regiões na segunda quinzena de outubro, mas ainda de forma irregular, com precipitações pontuais. De modo geral, produtores poderiam reduzir os investimentos no plantio se o período de seca (que ocorreu de junho até meados de setembro, com período mais crítico em julho e agosto) fosse prolongado. As chuvas em Minas Gerais e Goiás devem ser mais frequentes no verão, entre janeiro e fevereiro/11. Este fator pode reduzir a produtividade e prejudicar a qualidade das raízes. No Nordeste, o *La Niña* deve atrasar as precipitações, que ocorrerão de fevereiro a maio do ano que vem, o que também pode trazer prejuízos à safra de cenoura. A previsão de chuva na Bahia na segunda quinzena de outubro, ainda de acordo com a Somar, deve contribuir para a irrigação das lavouras. Na região Sul do País, as chuvas devem manter-se regulares, mas há a possibilidade de tempo seco entre novembro e dezembro – no entanto, isso não deve prejudicar as atividades de colheita e plantio da raiz.



Preço não altera em setembro

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg



Fonte: Cepea





Tommy atkins paulista é afetada pela seca

Seca provoca queda de frutos em SP

O clima seco em São Paulo trouxe prejuízos para parte de produtores de manga das cidades de Monte Alto e Taquaritinga. A variedade mais afetada em setembro foi a *tommy atkins*, com queda de frutos. No entanto, a *palmer* é a que tem mais representatividade nas lavouras paulistas e, portanto, produtores esperam que a produção de manga nesta temporada ainda se recupere em relação à safra anterior. Segundo produtores, a colheita de *tommy atkins* está prevista para iniciar na segunda quinzena de outubro, com pico-de-safra em novembro. Já a variedade *palmer* deve ter pico de colheita entre dezembro e janeiro, com o produto disponível no mercado até março/2011.



Oferta elevada pode aumentar exportações

A maior oferta de manga em setembro e outubro deve elevar o volume exportado. Em agosto, o volume embarcado já havia crescido significativamente - 157% em relação ao de julho, de acordo com a Secretária de Comércio Exterior (Secex). Até o momento, a expectativa é de que as exportações brasileiras sejam positivas neste ano. Com relação aos embarques para os Estados Unidos, as variedades exportadas começam a se diversificar, de acordo com a *National Mango Board*. Tradicionalmente, o Brasil abastece o mercado norte-americano somente com a *tommy atkins*, mas, desde 2009, os EUA começaram a adquirir também a manga *ataulfo* -

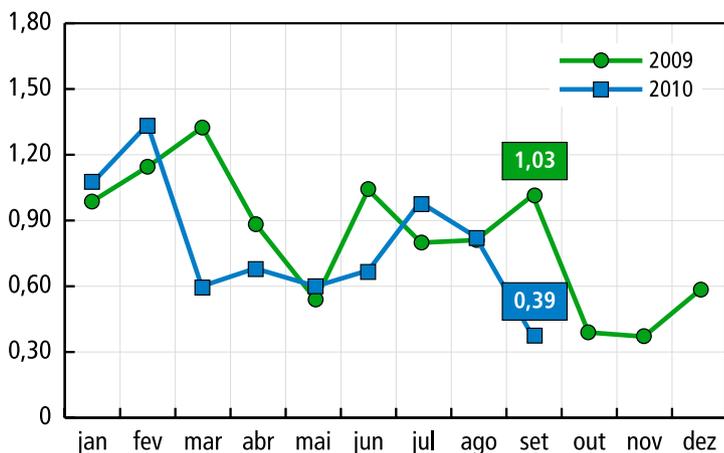
atualmente, o México é o principal fornecedor desta variedade para o país norte-americano. De acordo com agentes, a *palmer* também poderá fazer parte das exportações aos EUA no médio prazo. Isso porque, apesar de ainda pouco conhecida pelos norte-americanos, a qualidade desta variedade é satisfatória, sendo muito bem aceita no mercado europeu.

Maior oferta reduz cotações no Nordeste

Em setembro, o aumento da oferta de manga em Petrolina (PE)/Juazeiro (BA), no Vale do São Francisco, fez com que os preços pagos pela manga recuassem 110% em relação aos de agosto. Além disso, a intensificação da colheita em Livramento de Nossa Senhora (BA) também pressionou as cotações no período. A variedade *tommy atkins* foi comercializada em média a R\$ 0,39/kg no Vale do São Francisco, enquanto o valor médio estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura em setembro foi de R\$ 0,41/kg, o que mostra rentabilidade negativa. Além disso, em outubro, o início da colheita em São Paulo também pode limitar a valorização da fruta no Nordeste do Brasil.

Fim da estiagem favorece produção de SP

A seca, que começou no outono e teve um maior impacto em setembro, chegou a provocar queda de frutos em algumas lavouras do estado de São Paulo. Com o retorno das chuvas no final de setembro, agentes paulistas esperam resultados positivos para a safra. No Nordeste do País, no entanto, o clima continua seco. Em Livramento de Nossa Senhora (BA), a barragem de água que abastece a agricultura registra baixo volume disponível, preocupando produtores quanto à vitalidade das plantas. Já em Petrolina/Juazeiro, o clima seco não trouxe problemas à cultura da manga até o início de outubro, pois praticamente todos os produtores contam com sistema de irrigação. Com a menor ocorrência de chuvas, os gastos com os pomares têm sido menores na temporada, pois a necessidade de tratamentos culturais é menor.



Oferta elevada no NE reduz preços

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepeca

Como será 2011?

Patrocinador, reserve já seu espaço para o Anuário 2010-2011 da Hortifruti Brasil (Ed. Dezembro/2011)

19 3429 8808



Nordeste em pico de exportação

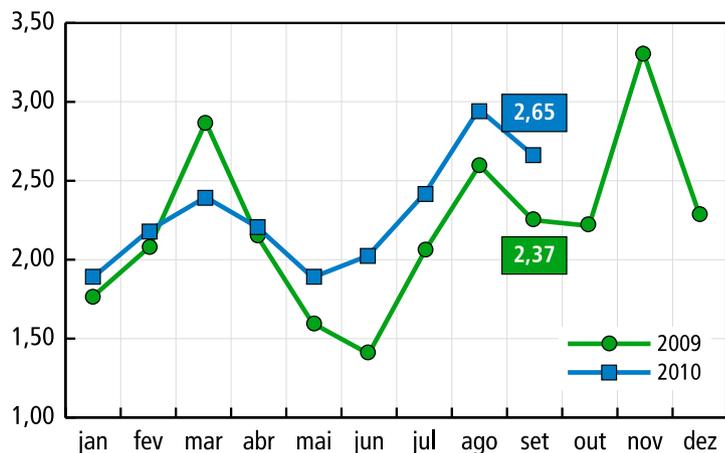
Exportações do Vale intensificam em outubro

Em outubro, as lavouras de uva sem-sementes do Vale do São Francisco entram em pico de oferta, aumentando o volume exportado. Segundo agentes locais, no entanto, os embarques deste mês podem ficar abaixo do esperado. Isso porque o clima seco acelerou a maturação de grande parte da produção, limitando as exportações da fruta, que acabou sendo comercializada no mercado doméstico. Apesar dos embarques terem iniciado em setembro, a comercialização da fruta brasileira no varejo da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Europa (continente) deve começar em meados de outubro.



Pirapora finaliza safra com resultado positivo

Produtores de Pirapora (MG) devem finalizar a colheita da safra 2010 em outubro. O rendimento apresentado pela região mineira nesta temporada foi maior que o de 2009, devido ao clima seco, que evitou quebras de produtividade e foi favorável à qualidade da fruta. Além disso, a baixa oferta da fruta no mercado nacional elevou os preços da uva de Pirapora. De junho a outubro, o valor médio da uva niagara embalada foi de R\$ 3,62/kg e o da Itália, de R\$ 3,56/kg, 11% e 3%, respectivamente, superiores aos da safra de 2009. Com estes resultados, produtores acreditam que não haverá redução da área cultivada em 2011, ao contrário do verificado nas safras passadas.



Expectativa é de recuperação na produtividade em Jales

Produtores de Jales (SP) estão com expectativa de que a produtividade das lavouras de uvas finas se recupere em outubro. Isso porque, desde o início da safra, em julho, a produtividade não vinha sendo como a esperada. Até setembro, o rendimento médio esteve até 40% menor ao potencial produtivo da região. Produtores acreditam que, em outubro, a produtividade possa alcançar até 25 t/ha. Esses agentes estão fundamentados no clima, que foi favorável às podas tardias, ocorridas de maio a junho – a maior luminosidade e o tempo seco influenciaram o melhor desenvolvimento das gemas frutíferas. Segundo produtores, no entanto, estas podas representam apenas 20% do total produzido na região paulista. Quanto aos preços, a média da uva Itália de julho a setembro foi de R\$ 3,10/kg, valor 10% maior que a do mesmo período de 2009.

Chuvas trazem alívio aos viticultores

A chuva ocorrida no final de setembro nas regiões produtoras de uva do Sul e Sudeste do País amenizou a preocupação de alguns agentes, que se preparam para a safra do final do ano. Nas regiões paulistas de Louveira/Indaiatuba, a seca causou aborto em algumas floradas, mas reduziu as pulverizações nos parreirais de niagara. Em Porto Feliz (SP), a estiagem prejudicou o desenvolvimento das brotações, o que pode diminuir a produtividade da niagara. No Paraná, a temporada deve iniciar, em novembro, com a oferta de baixo volume de fruta, por conta do frio nas primeiras podas, em julho. Além disso, esta temporada apresentou desuniformidade das brotações, devido ao clima seco em agosto e setembro – até o momento, no entanto, não há estimativas de perdas de produtividade. Para as regiões que estão colhendo, como Jales (SP), Pirapora (MG) e Nordeste, a estiagem favoreceu o desenvolvimento dos frutos e reduziu a incidência de patógenos.



Maior oferta do NE reduz preço da Itália
Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepeca

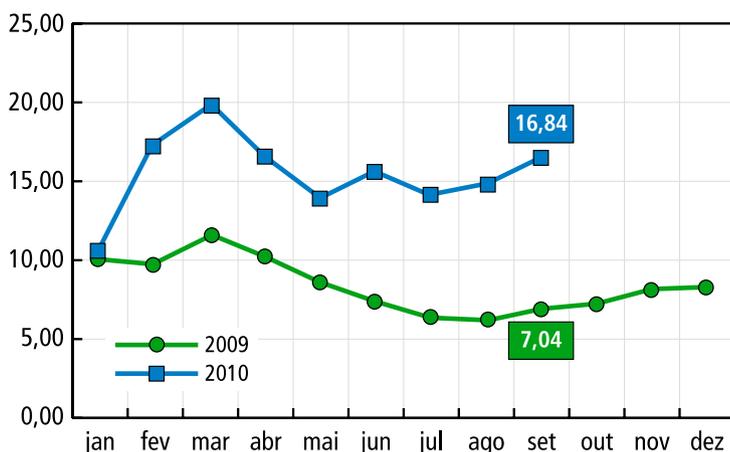




Safra da Flórida deve ser maior mesmo com menos árvores

Produtividade deve garantir maior safra na Flórida

Dados divulgados em setembro pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) apontam redução de 2% no número de árvores em produção na Flórida, passando de 60,75 milhões em 2009 para 59,56 milhões em 2010. É importante ressaltar, porém, que o levantamento do USDA não abrangeu todo o cinturão citrícola da Flórida. O relatório também indicou expansão de 3% na área de árvores abandonadas. Se considerado que, na próxima temporada, que inicia em outubro, a produtividade seja por volta de 2,5 caixas por árvore – média das últimas três safras –, a safra pode ser próxima de 150 milhões de caixas. Já se a produtividade atingir o teto de 2,7 caixas/árvore – número considerado pela consultora Elizabeth Steger em agosto –, o volume total produzido pela Flórida poderá alcançar 160 milhões de caixas de 40,8 kg. De qualquer forma, a estimativa oficial do USDA deve ser divulgada em outubro. Quanto à repercussão no Brasil, o possível aumento na produção da Flórida não deve afetar os preços recebidos por produtores nacionais nesta temporada. Além de já terem a safra 2010/11 contratada, a atenção está voltada ao volume restrito da atual safra paulista e à possibilidade de uma produção abaixo do potencial produtivo em 2011/12. Assim, a menor oferta de laranja brasileira pode manter os preços firmes, tanto no mercado *in natura* quanto para entrega nas indústrias.



Fruta de qualidade é valorizada

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela pera na roça - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepea

Custo da colheita dobra em oito anos

Apesar dos preços elevados recebidos pela laranja na safra 2010/11, os custos também aumentaram, principalmente com colheita. Segundo dados do Cepea, no acumulado desta safra (julho-setembro/2010), o custo médio da colheita foi de R\$ 2,00/cx, praticamente o dobro do despendido de julho a dezembro de 2002 (R\$ 1,02/cx – valor nominal). Na atual safra, porém, a relação entre o custo de colheita e o valor de venda da fruta está mais favorável ao produtor que a do ano passado. No período principal da safra passada (julho a dezembro de 2009), o custo de colheita correspondia a 32% do valor da caixa de laranja de 40,8 kg no *spot*. Já na atual safra, o gasto com a colheita representa 13% da cotação de uma caixa da fruta, percentagem próxima às observadas de 2002 a 2008. Outra dificuldade é encontrar colhedores que, por vezes, optam por outras culturas, como a cana e o café. Além disso, em ano eleitoral, muitos deixam o campo para trabalhar nas campanhas.



Estiagem prejudica safra de laranja

O tempo seco no estado de SP desde o outono até setembro debilitou pomares de laranja, causando queda de frutos. Para evitar perdas ainda mais expressivas, produtores aceleraram a colheita, sobretudo de agosto a setembro. Com isso, a atual safra deve terminar em dezembro. No final de setembro, o retorno das chuvas às regiões citrícolas começou a trazer alívio a produtores. As frutas, que antes estavam murchas devido ao longo período de seca, recuperaram parte do vigor. Quanto às florações, em algumas regiões, principalmente na de Bebedouro (SP), parte da florada ocorrida em meados de agosto foi perdida. Assim, em todas as regiões citrícolas, produtores aguardam que o retorno das chuvas induza uma nova florada, porém é necessário que as precipitações se mantenham para garantir o “pegamento” das flores. De qualquer forma, a expectativa é de um baixo volume de frutas no primeiro semestre de 2011.

GESTÃO DE MÁQUINAS
(Ed. novembro/2010)
Patrocinador,
Reserve já seu espaço até 20/10!
19 3429.8808



Foto: Walmir Varella

Abrem flores nos pomares do Sul

Após floradas, foco é a polinização

Pomares do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina apresentaram floradas no final de setembro, marcando o início do ciclo vegetativo da planta. Com as flores, produtores voltam suas atenções à polinização, distribuindo colméias de abelhas nos pomares no início de outubro. Após um inverno seco, agências meteorológicas prevêem o retorno das chuvas em outubro. Por um lado, produtores receiam que, nos dias de chuva, as abelhas permaneçam no interior das colméias, ou seja, que a polinização seja limitada. Mas, de modo geral, as chuvas são consideradas benéficas, uma vez que devem contribuir para a recuperação da umidade do solo e para a vitalidade das plantas. Por enquanto, produtores acreditam que não haja problemas decorrentes das chuvas, ao contrário do observado no ano passado. Naquele período, fortes precipitações prejudicaram a florada e a formação dos frutos. Ainda com relação às atividades de campo necessárias para uma boa safra de maçã, no final de outubro deve ser realizado o raleio químico. Esta operação consiste em borrifar raleantes nas macieiras, no intuito de provocar queda de alguns frutos recém-formados, evitando maçãs precoces e também o excesso de frutas por cacho floral.

Empresas finalizam estoques de gala

A maior parte das empresas do Sul do País encerrou seus estoques da variedade gala em se-

tembro ou deverá finalizá-los em outubro. Assim, poucas unidades devem comercializar a gala até o fim do ano. Em setembro, o volume ofertado da variedade já esteve reduzido, sendo considerado inferior ao do mesmo período do ano passado. O principal motivo que levou produtores a liquidarem a oferta de gala foi a baixa resistência e, conseqüentemente, menor qualidade. Isso porque, mesmo em câmaras com atmosfera controlada, a fruta tem apresentado rachaduras e problemas com senescência. Com a baixa oferta, produtores que ofertarem gala de qualidade a partir deste mês devem receber preços mais elevados. Até o final de setembro, no entanto, as cotações da variedade estiveram inferiores às praticadas em 2009.

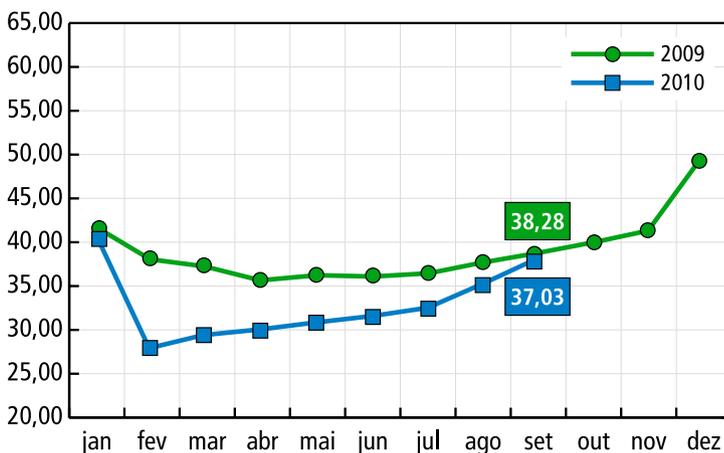
Maior oferta de fuji graúda

A maçã fuji deve ser a principal variedade a ser ofertada no mercado doméstico a partir de outubro. Além de essa variedade ser mais resistente que a gala, o calibre da fuji está mais graúdo neste ano. Agentes acreditam que a oferta de maçãs seja controlada até o início da próxima safra, em 2011, o que deve elevar os preços gradativamente. Em setembro, a fuji graúda Cat 1 (calibres de 80 a 110) teve média de R\$ 37,03/cx de 18 kg na Ceagesp, 3,7% maior que a de agosto, mas 3% menor que a de setembro de 2009.



Chuvas revigoram pomares no Sul

A seca que atingiu a região Sul do País de julho a meados de setembro causou déficit hídrico no solo e perda de vitalidade dos pomares. Esses fatores, porém, não preocuparam agentes, uma vez que a planta estava em período de dormência. Na última quinzena de setembro, houve períodos chuvosos, contribuindo para revigorar as plantas e umedecer o solo. Para outubro, está prevista ocorrência de precipitações no Sul do País. Caso as chuvas venham com força, a polinização pode ser prejudicada. Para novembro e dezembro, deve ocorrer períodos de veranico, o que pode favorecer o período de frutificação das macieiras.



Preços estão 3% menores que em 2009

Preços médios de venda da maçã gala categoria 1 (calibres 80 -110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg



Fonte: Cepea

Como será 2011?

Patrocinador, reserve já seu espaço para o Anuário 2010-2011 da Hortifruti Brasil (Ed. Dezembro/2011)
19 3429 8808



Pico-de-safra de prata em outubro

Vale do Ribeira entra em pico-de-safra, mas produtividade deve ser menor

As lavouras da região do Vale do Ribeira (SP) devem entrar em pico de oferta de banana prata a partir de outubro. A intensificação da colheita deveria ter começado em setembro, mas foi atrasada devido ao clima seco na região durante o inverno. Conforme relatos de colaboradores consultados pelo Cepea, as enchentes ocorridas no início deste ano atrasaram o ciclo de desenvolvimento da prata, diminuindo a produtividade das lavouras da variedade. Assim, mesmo com o aumento da oferta de setembro para outubro, produtores acreditam que a rentabilidade da cultura durante este ano seja positiva, por conta da menor produtividade. De modo geral, a oferta no mercado doméstico em setembro esteve baixa, fazendo com que os preços permanecessem em patamares mais elevados no período. O valor médio da banana prata em setembro foi de R\$ 17,13, sendo 37% maior que o do mesmo período do ano passado e 128% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura na região.



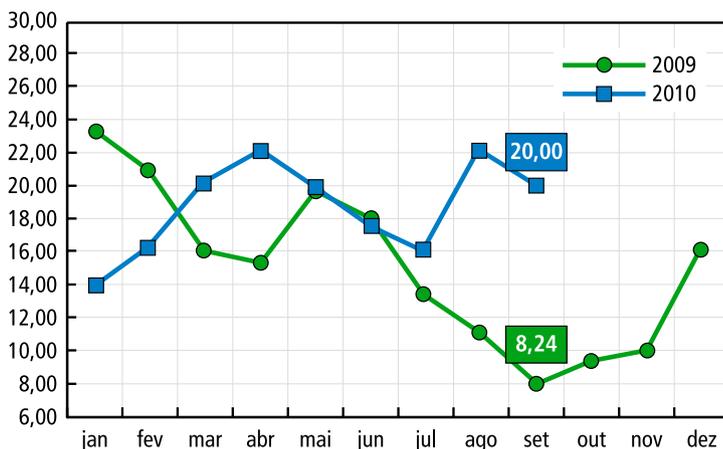
Aumento das temperaturas favorece lavouras mineiras

Além da região do Vale do Ribeira, o norte de Minas Gerais também deverá disponibilizar maior volume de banana prata no mês de outubro. As altas

temperaturas com a chegada da primavera devem ser favoráveis ao desenvolvimento da cultura. A maior oferta da fruta, por sua vez, pode pressionar as cotações da banana mineira. Neste ano, os bananais da região norte de Minas Gerais têm produzido de forma escalonada, sem que haja um período grande de intensificação da colheita. No acumulado de janeiro a setembro de 2010, os preços da prata tiveram média de R\$19,00 valor 18% maior se comparado ao mesmo período do ano passado e 86% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir as despesas com a cultura. Como produtores do norte de Minas Gerais estão com rentabilidade positiva durante esse ano, há expectativas de aumento nos investimentos com adubação e demais tratamentos culturais ainda neste ano. Além disso, poderá haver aumento de área destinada à bananicultura no norte de Minas Gerais em 2010.

Inverno seco prejudica parte da produção

As chuvas neste início de primavera no norte de Santa Catarina devem favorecer a qualidade e o volume das bananas a ser produzidas na região que, desde agosto, tem registrado baixos índices pluviométricos. A banana necessita de umidade e temperatura elevadas para ter um desenvolvimento ideal. Com a estiagem, a fruta que cacheou durante o inverno apresentou menor calibre. Além disso, a aplicação dos tratamentos culturais, como a adubação, foi prejudicada por conta do tempo seco. No Vale do Ribeira (SP), a perspectiva também é de chuva em outubro. Mesmo assim, a fruta deverá estar mais magra e, devido à estiagem, já houve abortamento de alguns cachos. Com o cacheamento da fruta no período de seca e também durante as enchentes no início do ano, tanto a produtividade quanto a qualidade da banana paulista deverão ser menores que a registrada em 2009, pelo menos até o final deste ano. Já os bananais do norte de Minas Gerais e de Bom Jesus da Lapa (BA) não foram prejudicados pela seca, visto que muitas áreas contam com sistema de irrigação e os reservatórios estão com água suficiente para tal prática. Sendo assim, a fruta deverá apresentar boa qualidade.



Com escalonamento da oferta, prata valoriza em MG frente 2009

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/cx de 20 kg

Fonte: Cepea

Como será 2011?

Patrocinador, reserve já seu espaço para o Anuário 2010-2011 da Hortifruti Brasil (Ed. Dezembro/2011)

19 3429 8808



Maior disponibilidade derruba preço

A oferta elevada de mamão em setembro e a menor qualidade da fruta pressionaram fortemente as cotações do produto no período. No correr do inverno, grande parte da produção estava verde e, com o aumento das temperaturas no final de agosto, a maturação do fruto foi acelerada, elevando a disponibilidade do mamão no mercado interno. Além disso, segundo agentes do setor, os frutos estiveram muito graúdos e alguns lotes apresentaram manchas fisiológicas, causadas pelo sol intenso e baixa umidade relativa do ar. De agosto para setembro, as cotações do mamão havaí negociado na Ceagesp caíram 28,7%. O valor médio dessa variedade foi de R\$ 6,62/cx de 8 kg em setembro, o menor preço registrado neste ano. Para o formosa, a média foi de R\$ 9,11/cx de 13 kg, também a mais baixa deste ano. Já para outubro, agentes têm expectativa de que a oferta se reduza na maioria das regiões produtoras. Esse cenário pode fazer com que os preços se recuperem no período.

Oferta elevada prejudica rentabilidade

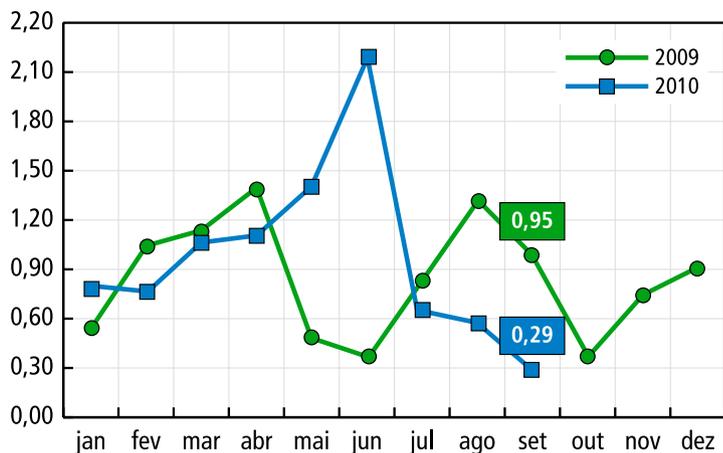
A maior oferta de mamão pressionou as cotações da fruta e diminuiu a rentabilidade de produtores da Bahia e do Espírito Santo em setembro. No sul da Bahia, o valor médio recebido por produtores pelo havaí foi de R\$ 0,22/kg em setembro, 73,4% inferior ao registrado no mesmo período do

ano passado e 42% abaixo do valor mínimo estimado por mamoneiros para cobrir os gastos com a cultura. Já a média estimada por produtores capixabas para cobrir os gastos com a cultura foi de R\$ 0,42/kg.



Clima seco afeta qualidade

O clima quente e seco entre agosto e setembro prejudicou a qualidade do mamão em algumas regiões produtoras. Isso porque a baixa umidade relativa do ar e o calor excessivo aumentaram a incidência de *Tetranychus urticae* sp., conhecido como ácaro rajado. Esta praga do mamão provoca amarelecimento das folhas e posterior necrose e perfurações, diminuindo a área foliar. Assim, os frutos que ficaram mais expostos à ação dos raios solares apresentaram manchas fisiológicas, baixos desenvolvimento e produtividade. No oeste da Bahia, apesar de algumas praças terem registrado um período de cinco meses sem chuva, praticamente todas as lavouras têm sistema de irrigação. No sul da Bahia e no Espírito Santo, a seca durou quase dois meses e alguns mamoneiros também precisaram utilizar a irrigação para não perder as lavouras – os reservatórios tinham água suficiente para a prática. Segundo produtores, apesar do forte calor, o desenvolvimento de flores das roças de mamão não foi prejudicado. Dessa forma, o período de “pescoço” (menor oferta) pode ocorrer apenas caso não chova nos próximos meses. Conforme dados da Somar Meteorologia, a previsão é de retorno das chuvas na Bahia, no Espírito Santo e no norte de Minas na segunda quinzena de outubro, com precipitações mais regulares apenas em novembro. Nas praças produtoras localizadas no litoral do Rio Grande do Norte, as chuvas ocorreram de maneira fraca e distribuída de meados de setembro até pelo menos início de outubro, garantindo qualidade das frutas e menor incidência de pragas. Já na região de Mossoró, onde predomina a produção de formosa, não houve ocorrência de chuvas até o início de outubro, mas a qualidade se manteve satisfatória. Chuvas mais significativas no estado potiguar estão previstas apenas em dezembro.



Preço do havaí 48% menor em setembro

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg

Fonte: Cepea

GESTÃO DE MÁQUINAS
(Ed. novembro/2010)
Patrocinador,
Reserve já seu espaço até 20/10!
19 3429.8808



ENTREVISTA: Pedro Hayashi

“SEMPRE HÁ MANEIRAS DE FAZER MAIS COM MENOS”

O engenheiro agrônomo Pedro Hayashi é produtor de batata-semente de Vargem Grande do Sul (SP), consultor e diretor de Marketing e Pesquisa da Associação Brasileira da Batata (ABBA). Também é presidente da Associação dos Bataticultores de Vargem Grande do Sul (ABVGS).

Hortifruti Brasil: O senhor acredita que há margem para reduzir os custos em Vargem Grande do Sul?

Pedro Hayashi: Sempre há maneiras de fazer mais com menos. Quando se tem uma expectativa de bons preços, normalmente o produtor não tenta reduzir qualquer item na sua composição de custos. Apesar de este ano ter sido ótimo para a produção, com clima seco, nem todos os produtores economizaram os fungicidas para uma redução de custo. Para minimizar os custos com mão-de-obra, a minha perspectiva é que a colheita em breve será totalmente mecanizada, da mesma maneira que está ocorrendo com a cana-de-açúcar na nossa região.

HF Brasil: O senhor acredita que a redução do custo depende de uma melhor gestão financeira ou do uso mais intensivo de tecnologia pelo produtor?

Hayashi: Os dois aspectos são relevantes. Em primeiro lugar, o produtor deve fazer uma análise de seu desempenho, não mantendo aquela idéia de que tudo que faz está correto e que não há maneiras para melhorar. Não podemos fazer as mesmas coisas e esperar por resultado diferente. Nosso produtor deve mudar daquele perfil de “matuto” para ser um empresário. Para se tornar competitivo, ferramentas de controle devem ser consideradas. Como podemos admitir um produtor que, mesmo depois de toda safra comercializada, muitos produtores ainda não têm o fechamento dos seus custos e não sabem se a safra deu lucro ou prejuízo. A resistência à mudança também é um fator para não se incorporarem novas tecnologias. Quando a região começou a usar os “big bags” nas lavouras, muitos agricultores duvidavam que isso desse certo. Hoje praticamente todo produtor usa esse processo. Como sugestão, acho que os produtores deveriam ter dentro do seu negócio a figura de um profissional para acompanhar efetivamente toda a composição dos custos.

HF Brasil: Não seria inviável um pequeno produtor pagar esse profissional?

Hayashi: Se um produtor sozinho não consegue pagar este profissional, a união de alguns poderia diluir o custo que, a meu ver, traria grandes benefícios. Além desse ponto, produtores da nossa região deveriam investir mais em viagens técnicas para conhecer novas tecnologias disponíveis no mercado e também se posicionar diante dos concorrentes. Ainda como sugestão para melhorar o desempenho da nossa região, destaco a impor-

tância de um planejamento de plantio para que o mercado não seja saturado, baixando os preços e travando o mercado, momento em que todos acabam perdendo. Basta Vargem Grande do Sul entrar no mercado para o preço desabar.

HF Brasil: Quanto à pesquisa e desenvolvimento tecnológico disponível no setor de batata, quais são os principais avanços que podem melhorar a sustentabilidade do setor?

Hayashi: Como já dito, a colheita mecanizada é uma inovação tecnológica que mais cedo ou mais tarde entrará com toda força. A colheita mecanizada não pode ser vista como uma operação, mas sim como um sistema de operações que começa no preparo de solo, passa pelos tratamentos culturais e termina com a batata nas lavadeiras. Outra tecnologia que pode contribuir para o setor é a obtenção de sementes através de minitubérculos como alternativa a batata-semente importada. Logicamente que este processo seria gradativo, não se desfazendo da importância da batata-semente importada. Essa tecnologia já é largamente utilizada por grupos grandes de outras regiões.

HF Brasil: Qual é o problema da batata-semente importada?

Hayashi: Um dos gargalos na produção de batata sempre é a batata-semente. Este ano culminou com enormes problemas com a importação da batata-semente. Houve grandes perdas de sementes que ficaram retidas no porto e acabaram sendo jogadas no lixo. Fatos como este acarretam problemas futuros, pois nossa batata-cultura ainda se baseia na batata-semente importada. Com a falta da semente importada, também faltarão outras classes que abasteceriam os campos destinados ao consumo. Como já mencionado, a alternativa é a obtenção de sementes através de minitubérculos.

HF Brasil: Há algo mais que o senhor gostaria de destacar?

Hayashi: Para que tenhamos maior eficiência e nos equiparemos com os países que têm a batata como produto importante, todas as etapas do processo produtivo devem ser criteriosamente checadadas. Começamos pela análise do solo, recomendação dos fertilizantes, quais produtos aplicar, ter uma mão-de-obra qualificada e sementes de boa qualidade. Como estímulo às mudanças, gostaria de ressaltar a importância do trabalho do Cepea nestas pesquisas em diferentes regiões produtoras. Isso possibilita a cada uma delas conhecer a composição dos custos, tamanho e tecnologia dos concorrentes. Certamente, quem tiver acesso a essas informações estará um passo adiante.



ENTREVISTA: João Gruber

“É PRECISO QUE O PRODUTOR TENHA VISÃO EMPRESARIAL EM TODOS OS NÍVEIS DA ATIVIDADE”

João Gruber é técnico de contabilidade e administrador de empresas. Desde 2001 exerce o cargo de gerente administrativo na Hayashi Batatas.

Hortifruti Brasil: O senhor acredita que o elevado custo com capital imobilizado (CARP) seja um gargalo para o modelo típico de produção em Cristalina?

João Gruber: Não. Para produzir no modelo proposto, se faz necessária a aquisição dos imobilizados mencionados, que, no caso das máquinas, também são utilizados em outras culturas.

HF Brasil: Há formas de redução desses custos? Quais seriam?

Gruber: Devido ao modelo de produção, no cerrado é quase impossível. Talvez a maneira para a redução desse custo seria a terceirização de máquinas e implementos, o que seria atualmente inviável na região.

HF Brasil: Apesar dos custos mais baixos frente a outras estruturas de produção, o que pode ser melhorado?

Gruber: Acreditamos que o modelo é bem adaptado para as necessidades de produção da região. O que pode e deve ser continuamente melhorado é a racionalização dos custos através do aumento da produtividade quantitativa e qualitativamente.

HF Brasil: Qual é a melhor forma de reduzir custo: via gestão ou uso mais intenso da tecnologia?

Gruber: São necessárias ações em ambas as frentes. O produtor precisa constantemente melhorar seus sistemas de controle e gestão e, paralelamente investir, em tecnologia de produção.

HF Brasil: Quais os principais gargalos da sua região na busca pela sustentabilidade econômica?

Gruber: O principal fator que poderá comprometer a sustentabilidade da atividade na região é o amadorismo na comercialização da produção. É preciso que o produtor tenha visão empresarial em todos os níveis da atividade, e a comercialização demanda principalmente postura séria e disciplina nas regras quanto à concessão de crédito e política de formação de preços.

HF Brasil: Dentre os itens que o senhor acredita ser um gargalo, há algo sendo estudado ou alguma tecnologia está sendo importada para resolver o problema?

Gruber: O principal gargalo é a falta de opção de variedades totalmente adaptadas para a produção nacional. A falta de pesquisa e desenvolvimento de novas cultivares no País pode vir a ser no futuro um limitante da produção. Quanto aos demais fatores, acredito que estão bem equilibrados.

HF Brasil: Há algo mais que o senhor gostaria de destacar?

Gruber: Sim, o individualismo do produtor de batatas. Se olharmos para o lado agrônômico da produção, somos imbatíveis até em nível mundial. Porém, quando demanda-se postura e ação coletiva da classe, infelizmente, somos totalmente vulneráveis.



V Seminário Brasileiro da Batata

20 e 21 de outubro de 2010

Center Convention - Uberlândia/MG - Brasil

OBJETIVO
Debater os principais problemas que ocorrem da "Porteira para dentro" na produção de Batata no Brasil

PROGRAMAÇÃO BÁSICA
Painéis de Debates sobre
- Gargalos da Produção
- Mecanização
- Variedades
- Fitossanidade/Pragas
- Fitossanidade/Doenças
- Modernização da Produção
- Meio Ambiente

Informações
www.abbabatatabrasileira.com.br

Organização
Associação Brasileira da Batata





ENTREVISTA: Roni Amaral

“TEMOS PRODUTORES DE ALTA TECNOLOGIA NO SUL DE MINAS”

Roni Amaral é bataticultor há 11 anos nas regiões de Ipuiúna, Pouso Alegre e Alfenas (MG). É associado da Associação dos Bataticultores de Minas Gerais (Abasmig). A Associação conta hoje com cerca de 2.800 produtores de batata, contabilizando 20,2 mil hectares.

Hortifruti Brasil: O resultado do nosso Painel no sul de Minas Gerais foi um elevado custo com capital imobilizado (CARP) para cultivos 10 hectares. O senhor vê esse maior custo como um problema para a sustentabilidade do pequeno produtor?

Roni Amaral: Para produtores com 10 hectares (perfil avaliado no Painel) sim. Mas, o Sul de Minas é uma região bastante extensa, subdividida em várias regiões, e algumas se caracterizam por um perfil diferente do apresentado no Painel. É o caso da minha região - platô entre Ipuiúna e Poços de Caldas, possuímos uma realidade diferente do perfil abordado no Painel. O perfil do produtor na minha região é bem parecido com o de outras regiões produtoras com maior nível tecnológico. O uso de máquinas é mais intensivo e, em alguns casos, os bataticultores possuem estrutura própria de beneficiamento. Na minha região, as áreas de cultivo por produtor na minha região variam de 50 a 200 hectares na safra das águas, podendo totalizar no ano entre 150 a 600 hectares (incluindo também safras das secas e inverno). Mesmo no caso dos pequenos produtores da nossa região, eles possuem nível tecnológico superior.

HF Brasil: O senhor acredita que este custo operacional poderia ser reduzido? Como?

Amaral: Sim, principalmente para o perfil de produtor de 10 hectares apresentado no estudo. O custo com sementes, por exemplo, foi bastante elevado, e poderia ser reduzido através da adoção de tecnologia de cultura de tecidos existentes hoje em dia. No caso da minha região, por exemplo, muitos produtores conseguem reduzir esse custo em até 50%. Além disso, o melhor emprego da tecnologia disponível, através de um manejo adequado, resultaria em maior produtividade, e conseqüentemente menor custo por unidade produzida.

HF Brasil: O senhor acredita que a redução desse custo depende também de uma melhor gestão do produtor?

Amaral: Sim, a gestão é fator importantíssimo em qualquer atividade. Temos que ter visão empresarial, já que uma decisão errada nesse ramo pode nos custar muito dinheiro.

HF Brasil: Ao invés de possuir maquinário próprio, há possibilidade na sua região do produtor alugar ou dividir com outros produtores máquinas e implementos agrícolas? O custo não seria menor?

Amaral: Temos alguns exemplos na região onde produtores de pe-

quena escala se unem na aquisição de equipamentos, serviços e compras de insumos. Essa união faz com que reduza tanto o custo operacional quanto o capital imobilizado, uma vez que as máquinas e equipamentos são adquiridos em conjunto. Esse exemplo faz com que repensemos a necessidade de cooperativismo para região, mesmo no caso de produtores de maior escala de produção.

HF Brasil: Na sua visão, quais são as principais iniciativas na região do Sul de Minas Gerais para se manter sustentável economicamente?

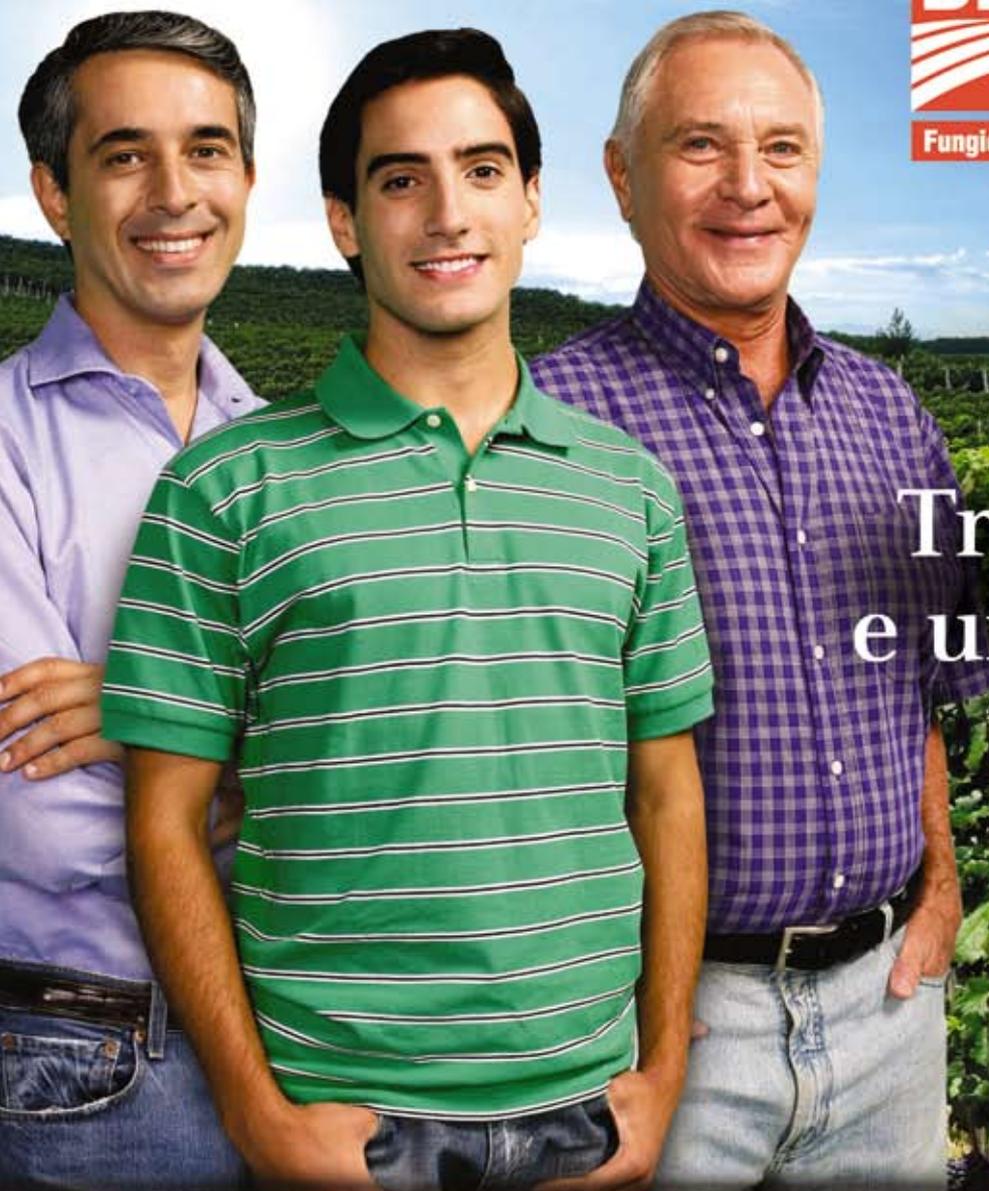
Amaral: Acredito que algumas medidas adotadas por alguns produtores na minha região podem tornar a atividade mais viável economicamente: calcular o custo de produção, planejar as atividades anualmente ou a cada safra, investimentos em tecnologia (modernos sistemas de irrigação, tecnologia de aplicação de defensivos, sementes de qualidade, novas cultivares, defensivos modernos, controles biológicos), treinamento da mão-de-obra, participação de eventos técnicos, correta recomendação de adubação para cada cultivar que será plantado, respeito ao meio ambiente e ao consumidor, tentando, dessa forma, trabalhar de modo seguro e sustentável. Produtores da região que adotam tais medidas se equiparam aos de outras regiões brasileiras com bons níveis tecnológicos e de produtividade.

HF Brasil: Para o senhor, a baixa rotatividade de culturas é o principal gargalo para os produtores do Sul de Minas?

Amaral: Após 60 anos de plantio de batata, a área propícia para o plantio é um fator limitante. Precisamos encontrarmos uma rotação ideal (cultura) para o inverno, porque deixamos as terras acima de 1.200 m ociosas. Talvez a rotação no inverno com trigo ou aveia seria uma alternativa. No entanto, acredito que talvez o maior gargalo não só no Sul de Minas como também na bataticultura nacional estaria no baixo investimento em genética nacional e na produção de sementes.

HF Brasil: Há mais algum ponto que o senhor gostaria de destacar?

Amaral: Gostaria de reafirmar que o Sul de Minas possui produtores com escala tecnológica similares às outras regiões, como o Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba. Temos problemas como todas as regiões, mas também possuímos vantagens competitivas, como produção o ano todo, muita água, um ótimo clima e logística favorável para as principais regiões consumidoras do País. ■



Dow AgroSciences



Três gerações e uma tradição!

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

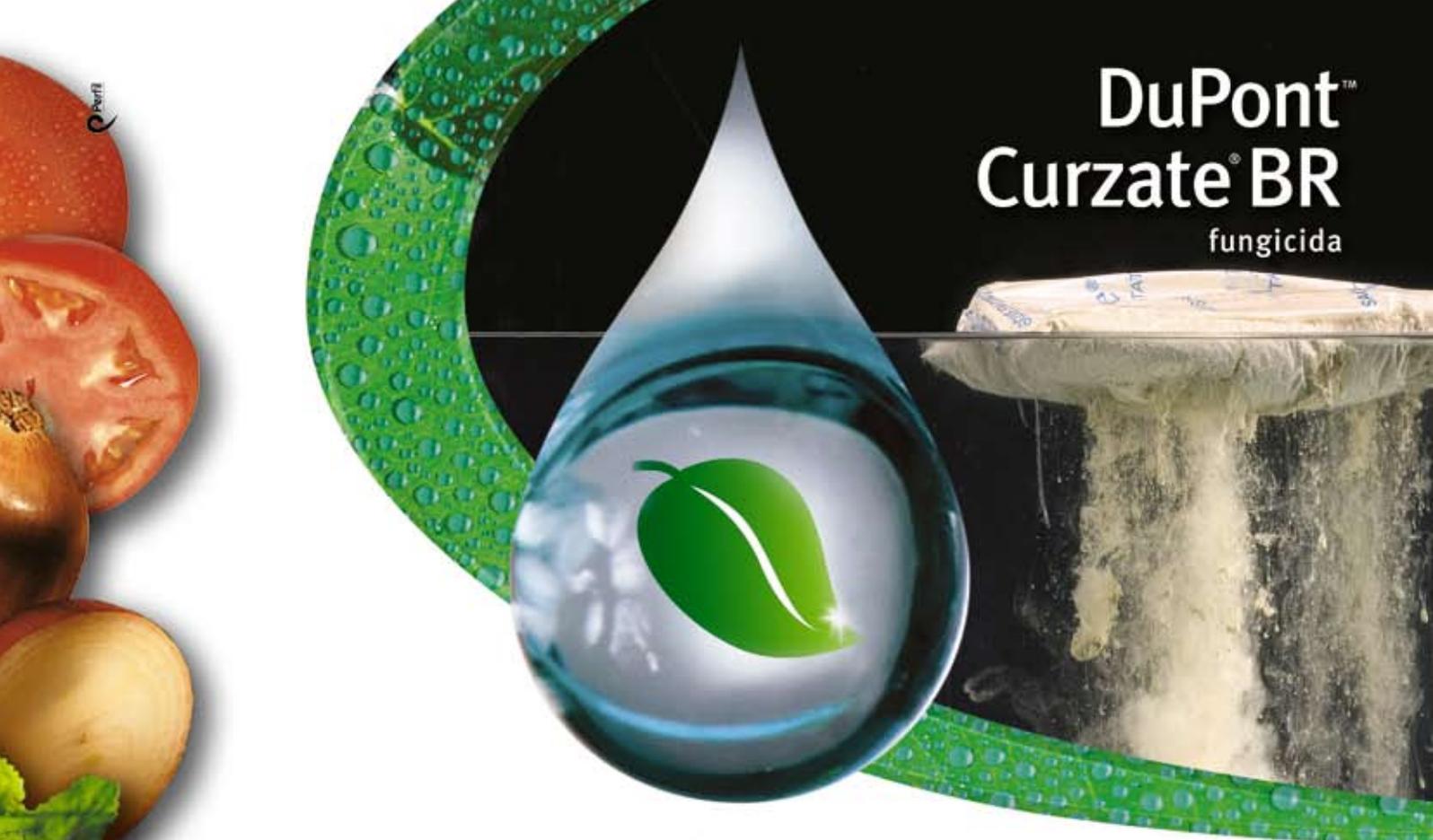
CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.



O sucesso de Dithane NT faz parte da tradição da família! Usado por gerações na proteção de batata, tomate, uva e outras 32 culturas. É atual e inovador! Quando alguém já pensava em aplicar Dithane NT antes da chuva? Hoje, isso já é possível! E o que mais será possível, já pensou? Nossos pesquisadores continuam pensando...



Dow AgroSciences



DuPont™
Curzate® BR
fungicida

Curzate® BR. A vacina da sua lavoura.

A dose certa de proteção que a sua lavoura precisa.

Curzate® BR é prevenção contra a requeima e o míldio.

BENEFÍCIOS

- Alta eficácia na prevenção – ativa as defesas naturais da planta
- Plantas saudias e boa produtividade
- Ação sistêmica local, com alto poder de penetração na folha
- Ação antiesporulante – evita o desenvolvimento e disseminação de doenças
- Mais praticidade: basta colocar o saco solúvel na água e realizar a pré-mistura
- Mais economia: maior aproveitamento do produto, sem desperdício
- Seletividade: ideal para o gerenciamento de resistência dos fungos

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Tele DuPont Agrícola
0800-707-5517
www.dupontagricola.com.br

Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produto.

© Copyright 2009, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados. DuPont™ e Curzate® BR são marcas registradas da DuPont.



Os milagres da ciência



Quem disse que
tomate cereja
não pode ser firme
e saboroso?

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

**Impresso
Especial
FEALQ**

9912227297-2009 - DR/SPI

... CORREIOS ...



IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfbrazil@esalq.usp.br

Tomate
Dellycia

Hortifruti Brasil



Um novo conceito de tomate cereja.

Tomate Dellycia, frutos firmes e muito mais saborosos.
Experimente!

TOPSEED
Premium

www.AGRISTAR.com.br
Tel.: 24 2222-9000

Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil